

Cadernos *IHU ideias*

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | n° 401 | vol. 24 | 2026



Da inteligência coletiva
à democracia aumentada

Felipe Fortes e Giuseppe Cocco

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 24 | nº 401 | vol. 24 | 2026

**Da inteligência coletiva à
democracia aumentada: duas teses
para desarmar a grande confusão
negacionista sobre a IA**

Felipe Fortes

Doutor em Filosofia pela PUCRS e bolsista de pós-doutorado da
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
(FAPERJ) pela UFRJ

Giuseppe Cocco

Doutor em História Social pela Université de Paris I
(Panthéon-Sorbonne) e professor na UFRJ



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XXIV – Nº 401 – V. 24 – 2026

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Gabriel dos Anjos Vilardi; MS. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: Pixabay

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Revisão: Isaque Gomes Correa

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 21.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Da inteligência coletiva à democracia aumentada: duas teses para desarmar a grande confusão negacionista sobre a IA

Felipe Fortes

Doutor em Filosofia pela PUCRS e bolsista de pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pela UFRJ

Giuseppe Cocco

Doutor em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne) e professor na UFRJ

Este texto é um insumo do projeto “A Batalha das Redes”, realizado com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

O negacionismo pode nos deixar ilusoriamente confortáveis, mas dificilmente mais inteligentes. Já vimos suas dimensões reacionárias e ilusórias durante a pandemia, mas agora isso acontece ao longo de linhas de clivagem políticas diferentes. Apenas quatro anos depois do lançamento do ChatGPT, assistimos a uma aceleração dentro da aceleração que não para de ser negada ou mistificada¹. É o campo da matemática, no entanto, em que os resultados precisam atravessar

1 AMODEI, Dario. Policy on the AI Exponential. *Dario Amodei*, jun. 2026. Disponível em: <https://darioamodei.com/post/policy-on-the-ai-exponential>. Acesso em: 1 jul. 2026.

prova, erro, correção e validação, que a aceleração da inteligência artificial aparece de modo mais difícil de negar ou mistificar.

O matemático polonês Bartosz Naskręcki relatou ter ficado “profundamente impressionado” quando o GPT-5.4 produziu uma resposta correta para uma questão de matemática avançada que ele havia preparado para o *FrontierMath*. Não se tratava de um problema aberto, mas de uma questão inédita do *benchmark*, acompanhada por uma solução oficial não publicada. Das onze execuções independentes, apenas uma chegou ao resultado correto. A baixa taxa de sucesso mostra menos a fragilidade atual dos modelos do que a relevância do acontecimento. Segundo Naskręcki, era perturbador ver um algoritmo resolver uma tarefa que condensava cerca de vinte anos de seu próprio trabalho e produzir uma solução “muito boa, limpa e quase humana”².

Um dos maiores formuladores da programação de computação, o matemático Donald Knuth, por sua vez, registrou em *Claude’s Cycles* um episódio semelhante.

2 Cf. SINGH, Ritu. “Deeply Impressed”: Polish Researcher Stunned After GPT-5.4 Cracks 20-Year Math Problem. *NDTV*, 16 mar. 2026. Disponível em: <https://www.ndtv.com/feature/deeply-impressed-polish-researcher-stunned-after-gpt-5-4-cracks-20-year-math-problem-11220589>. Acesso em: 31 maio 2026; EPOCH AI. GPT-5.4 set a new record on FrontierMath. *LinkedIn*, mar. 2026. Disponível em: https://www.linkedin.com/posts/epochai_gpt-54-set-a-new-record-on-frontiermath-activity-7435391954919723008-pZUH. Acesso em: 31 maio 2026; POLISH mathematician reveals secrets behind AI test that no human could pass. *Research in Poland*, 11 set. 2025. Disponível em: <https://researchinpoland.org/news/polish-mathematician-reveals-secrets-behind-ai-test-that-no-human-could-pass/>. Acesso em: 31 maio 2026; GLAZER, Elliot *et al.* FrontierMath: A Benchmark for Evaluating Advanced Mathematical Reasoning in AI. *arXiv*, 2024. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2411.04872>. Acesso em: 31 maio 2026.

Enquanto preparava um material sobre os ciclos hamiltonianos dirigidos para um futuro volume de *The Art of Computer Programming*, deparou-se com aquilo que chamou de “um problema aberto em que eu vinha trabalhando havia várias semanas”. A partir da formulação de Knuth, seu amigo Filip Stappers, que já vinha explorando empiricamente o problema, submeteu a questão ao Claude Opus 4.6. O modelo encontrou uma construção válida, depois testada por Stappers e provada por Knuth, que reagiu com surpresa e entusiasmo, afirmando que talvez tivesse de rever suas opiniões sobre a IA generativa e celebrou o episódio como um “avanço dramático em dedução automática e resolução criativa de problemas”³. Mais ainda, no relato de Stappers, o algoritmo chegou a essa *performance* por meio de um processo muito parecido ao que faria um matemático humano⁴.

O caso mais expressivo talvez seja o de uma conjectura formulada em 1966 pelos matemáticos húngaros Paul Erdős, András Sárközy e Endre Szemerédi. Registrada como o problema #1196 no projeto *Erdős Problems*, a questão pertencia à teoria dos números e dizia

3 Cf. KNUTH, Donald E. Claude's Cycles. Stanford Computer Science Department, 28 fev. 2026, rev. 14 abr. 2026. Disponível em: <https://www-cs-faculty.stanford.edu/~knuth/papers/claude-cycles.pdf>. Acesso em: 31 maio 2026.

4 Como observa Marcelo Viana a partir do relato de Knuth, o modelo não chegou à solução como quem apenas recupera uma resposta pronta. Ele reformulou o problema, tentou abordagens simples, recorreu à força bruta, fracassou, voltou à estaca zero e só depois encontrou a ideia crucial. Viana ironiza ainda que o procedimento era “igualzinho a certos estudantes de doutorado”, precisamente porque se parecia menos com uma recombinação mecânica e mais com uma sequência experimental de tentativas, erros, reformulações e descoberta. VIANA, Marcelo. A IA só copia, ou também cria? *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 31 mar. 2026. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marceloviana/2026/03/a-ia-so-copia-ou-tambem-cria.shtml>. Acesso em: 1 jul. 2026.

respeito aos chamados conjuntos primitivos. Em 2026, Liam Price, então com 23 anos e sem formação avançada em matemática, submeteu a questão ao GPT-5.4 Pro enquanto explorava problemas do site *Erdős Problems* com uma assinatura do ChatGPT Pro. A resposta do modelo estava longe de ser uma prova pronta para publicação. Jared Duker Lichtman a descreveu, em sua forma bruta, como “bastante pobre”. Ainda assim, havia ali uma ideia inesperada, baseada em cadeias de Markov com pesos de von Mangoldt, que especialistas da área ainda não haviam aplicado ao problema. Price encaminhou o resultado a Kevin Barreto, estudante de graduação em Cambridge, e foi a partir desse circuito de mediações que matemáticos como Lichtman e Terence Tao examinaram, corrigiram, encurtaram e incorporaram o argumento a um artigo técnico mais amplo⁵ que afirma explicitamente que o novo método foi sugerido pela saída do modelo e o utiliza não apenas para demonstrar a conjectura #1196, mas também para obter outros resultados.

Assim, em 2026, esses casos da matemática contemporânea tornam difícil sustentar a oposição confortável entre uma inteligência artificial limitada à recombinação de padrões existentes e uma inteligência humana concebida como fonte exclusiva da invenção

5 Cf. HOWLETT, Joseph. An Amateur Just Solved a 60-Year-Old Math Problem by Asking AI. *Scientific American*, 24 abr. 2026. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/amateur-armed-with-chatgpt-vibe-maths-a-60-year-old-problem/>. Acesso em: 1 jun. 2026; BLOOM, T. F. Erdős Problem #1196. *Erdős Problems*. Disponível em: <https://www.erdosproblems.com/1196>. Acesso em: 1 jun. 2026; ALEXEEV, Boris; BARRETO, Kevin; LI, Yanyang; LICHTMAN, Jared Duker; PRICE, Liam; SHAH, Jibran Iqbal; TANG, Quanyu; TAO, Terence. Primitive sets and von Mangoldt chains: Erdős Problem #1196 and beyond. *arXiv*, 1 maio 2026. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2605.00301>. Acesso em: 1 jun. 2026.

conceitual e da produção do novo. Ao mesmo tempo, eles não provam que a IA pense como um matemático humano, muito menos que produza descobertas de maneira autônoma. Mas demonstram algo mais interessante para o nosso argumento. Os modelos generativos já participam da invenção matemática em diferentes momentos de uma arquitetura coletiva que articula formulação de problemas, exploração algorítmica, experimentação computacional, demonstração e validação⁶, mais importante ainda, ela começa a operar como aliada dos matemáticos, explorando hipóteses, organizando conhecimentos dispersos e colaborando com sistemas formais de verificação de provas⁷. A verdade, intragável, para alguns, é que em apenas quatro anos a IA passou de “mal conseguir escrever uma linha de código coerente para escrever a maior parte dos códigos das principais empresas de IA”⁸.

ENTRE *BLADE RUNNER* E *O EXTERMINADOR DO FUTURO*?

A tendência é que casos desse tipo se multipliquem nos próximos meses⁹. E são exemplos que demonstram que não estamos entre *Blade Runner* (e suas

6 SMITH, Noah. You are no longer the smartest type of thing on Earth. *Noahpinion*, 13 fev. 2026. Disponível em: <https://www.noahpinion.blog/p/you-are-no-longer-the-smartest-type>. Acesso em: 27 jul. 2026.

7 HAYAT, Amaury. *L'IA, nouvelle alliée des mathématiciens?* Entrevista concedida a Aicha Fall. *Polytechnique Insights*, 21 jan. 2026. Disponível em: <https://www.polytechnique-insights.com/tribunes/digital/ia-nouvelle-alliee-des-mathematiciens/>. Acesso em: 24 jul. 2026.

8 Dario Amodei, Policy on the AI Exponential. Disponível em: <https://darioamodei.com/post/policy-on-the-ai-exponential#fnref:5>. Acesso em: 28 jun. 2026.

9 Um caso recente em geometria algébrica torna esse ponto ainda mais claro. Em julho de 2026, o mesmo Bartosz Naskręcki e Piotr

dúvidas e melancolias existenciais) e *O Exterminador do Futuro* (os sistemas de armas automatizados). Mostram, antes, que se tornou estéril organizar o debate a partir da oposição rígida entre a criatividade humana e a inteligência artificial entendida apenas como uma repetição automática, recombinação estatística ou uma cópia empobrecida do que já existe. É justamente por isso que chama atenção a proliferação, no debate público sobre a inteligência artificial, de uma grande confusão que reinscreve a IA como uma ameaça generalizada à vida humana. Em geral, a crítica afirma um humanismo pobre, no qual a IA se torna o novo nome do cancelamento do futuro, enquanto o humano aparece como último refúgio da invenção e da política diante da inteligência artificial e da tecnologia. O paroxismo é

Pokora publicaram no *arXiv* um resultado sobre configurações de linhas em superfícies K3 quárticas, exibindo uma configuração de 24 linhas na quártica de Schur com inclinação logarítmica de Chern igual a $14/5$, o que refuta o limite conjectural de $8/3$ para esse caso. Segundo relato público de Naskręcki, o papel do modelo de IA não foi substituir o matemático nem “inventar” a prova a partir do nada, mas intervir no processo de pesquisa ao sugerir uma reorganização computacional do problema, localizar uma técnica de programação fracionária associada a Dinkelbach e implementar testes sobre famílias de superfícies já estudadas pelos autores. O ponto decisivo é que o contraexemplo deslocou a própria intuição matemática do problema. A hipótese inicial buscava o máximo na superfície K3 mais simétrica; a experiência mostrou que a chave estava antes na configuração mais simétrica de linhas. Temos aqui, portanto, um exemplo preciso de inteligência híbrida: conjectura humana, arquivos matemáticos, literatura acumulada, modelo de IA, programação, verificação exata e validação disciplinar compondo um mesmo agenciamento de descoberta. Ver: NASKRĘCKI, Bartosz; POKORA, Piotr. A $(24_4, 32_3)$ -configuration on the Schur quartic with logarithmic Chern slope $14/5$. *arXiv*, 8 jul. 2026. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2607.07898>. Acesso em: 13 jul. 2026; NASKRĘCKI, Bartosz; POKORA, Piotr. On the geography of log-surfaces. *EMS Surveys in Mathematical Sciences*, 2026. DOI: 10.4171/emss/113. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2412.14635>. Acesso em: 13 jul. 2026; DINKELBACH, Werner. On nonlinear fractional programming. *Management Science*, v. 13, n. 7, p. 492-498, 1967.

que, diante de uma dinâmica avassaladora dos processos de automação e até autonomização da inteligência, a crítica parece incapaz de mobilizar qualquer tipo de análise material. Entre o negacionismo e o moralismo, ela fica aquém do que os próprios cientistas das empresas de IA produzem nessa direção. Com efeito, as forças de trabalho dedicadas ao desenvolvimento da IA se organizam, hoje, em três grandes grupos: os que treinam as IAs, os que as avaliam e os que tentam ler seus pensamentos¹⁰.

Propomos, em vez disso, **duas teses** para deslocar a questão e recolocar a crítica e a análise da geopolítica da inteligência artificial em seus eixos materiais, coletivos e políticos.

TESE 1. ONTOLOGIA: A INTELIGÊNCIA É COLETIVA, SE ACUMULA E SE EXTERNALIZA

A inteligência não é um atributo isolado de humanos ou máquinas, mas, desde a noite dos tempos, um efeito de agenciamentos sociais, tecnológicos, institucionais e maquínicos. Ela se forma acumulando experiências, linguagens, técnicas, gestos, arquivos, instrumentos e instituições, e se transforma ao se externalizar em suportes, interfaces, máquinas, redes e infraestruturas. A evolução sempre foi uma coevolução: dos animais, da humanidade e das máquinas. Nesse sentido, a IA generativa é um passo ulterior desses agenciamentos. Ela torna essa condição mais explícita ao transformar rastros do comum (dados, regularidades e ruídos da inteligência social) em linguagem, imagem, código, inferência e produção de sentido. Nessa

10 Nello Cristianini. *Forma Mentis. La corsa per decifrare i pensieri delle machine*. Il Mulino, Bologna, 2026, p. 9.

tese, não há nenhum determinismo: esse passo “ulterior”, a automação e autonomização da inteligência, está totalmente em aberto.

Dizer que a inteligência é desde sempre coletiva, e, portanto, implica em um processo de acumulação e externalização, produz dois desafios. Um primeiro é compreender como esses agenciamentos coletivos produzem variação, pensamento e novas formas de inteligência. Esse desafio só pode ser enfrentado dentro da própria dinâmica da IA e não contra ela. O segundo desafio é de responder à questão de apreender quais são os atores materiais dessa aceleração, dessa encarnação *suis generis* do que por um momento com a intuição marxiana chamamos de *General Intellect*. O debate extremamente vivo que encontramos no seio mesmo das redes de programadores, financiadores e empreendedores da IA não pode, portanto, ser nem descartado, nem resumido ao que seria uma hipócrita operação de marketing meramente instrumental. Isso implica, ao contrário, em um retorno inovador à discussão sobre a ciência e a técnica.

Grande parte do debate contemporâneo sobre a inteligência artificial continua organizado por uma pergunta filosófica aparentemente simples: quem ou quê, afinal, é inteligente? Trata-se de uma velha pergunta do mesmo porte que aquelas que pretendem definir a consciência e a própria vida. Pelo fato mesmo de não terem respostas consensuais e objetivas, essas perguntas funcionam como armadilhas, labirintos sem saída. Ou seja, é a própria pergunta que precisa ser reformulada: a inteligência não é o monopólio de uma espécie, ela é fruto de uma dinâmica coevolutiva, e o que se trata de saber é se a IA se junta ou não a essa coevolução.

Podemos assim apreender as abordagens tecno-otimistas¹¹ e tecnopessimistas como os dois lados de uma mesma moeda. As duas visões nos prometem a transferência (nas formas de um *upload* ou um *download*) da inteligência humana para a máquina, no advento da chamada “singularidade”. Esse debate se organiza em diferentes camadas. Há, primeiro, os visionários da singularidade, como Ray Kurzweil, para quem essa transferência aparece como a promessa transumanista da fusão entre humanos e computadores, que permitiria até mesmo a nossa imortalidade¹². Há, depois, os filósofos do risco existencial, como Nick Bostrom, para quem a singularidade aparece, ao contrário, como o risco pós-humanista de uma superinteligência artificial capaz de ultrapassar nossa espécie e escapar ao nosso controle¹³. Entre os dois casos, há a filósofa francesa Catherine Malabou que, em pouco mais de uma década, passou da afirmação de que a singularidade era impossível¹⁴ à tese de que ela é inevitável¹⁵. Nesses casos, a história da inteligência é narrada como a passagem

11 Muitos identificam tecno-otimismo com tecnossolucionismo. Não se trata da mesma coisa. A noção de tecnossolucionismo é frequentemente usada como categoria moral destinada a rebaixar a própria dinâmica da inovação tecnológica, como, por exemplo, a busca das bases técnicas de uma transição energética, para então afirmar que apenas um anticapitalismo totalmente transcendente poderia resolver a crise, seja sob o nome de “decrescimento”, seja sob o nome de “indigenismo”. Muitas vezes, essa postura esconde, contraditoriamente, uma identificação com trajetórias político-econômicas não ocidentais (conservadores e reacionárias) tomadas como alternativas.

12 KURZWEIL, Ray. *The Singularity Is Nearer: When We Merge with AI*. New York: Viking, 2024.

13 BOSTROM, Nick. *Superintelligence: Paths, Dangers, Strategies*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

14 Malabou. *Que faire de notre cerveau*, Paris, Bayard, 2004.

15 Malabou. *Métamorphoses de l'intelligence*, Paris, PUF, 2018

de um cetro ou uma coroa do humano à máquina, ora como coroação transumanista, ora como subserviência pós-humana.

Uma segunda camada é a que opõe os engenheiros e programadores que, por um lado, apostam, com base no sucesso da geração de algoritmos ditos LLMs (*Large Language Models*) e na *Scaling Law* (segundo a qual a *performance* do modelo aumenta exponencialmente na medida do aumento do *data set* e da potência de cálculo), no rápido desenvolvimento de uma AGI (*Artificial General Intelligence*), quer dizer de uma inteligência de *General Purpose* e, pelo outro, os que trabalham na perspectiva de uma inteligência especializada (*Superhuman Adaptable Intelligence* (SAI)). Entre os primeiros, largamente hegemônicos nesse momento (inclusive no plano da captação de volumes de recursos financeiros colossais) se destacam Sam Altman (da OpenAI), Dario Amodei (da Anthropic), Demis Hassabi (da DeepMind) e Jensen Huang (o fabricante dos *chips* avançados, as GPUs). Do outro lado, Eric Schmidt (antigo CEO da Google) e Yann LeCun (que acaba de fundar sua própria empresa). Esses últimos reconhecem, com razão, que as máquinas vêm adquirindo capacidades cada vez mais sofisticadas, inclusive superiores às humanas em tarefas específicas, sem que isso signifique atribuir-lhes uma “inteligência artificial geral” ou mesmo uma consciência artificial¹⁶.

16 LECUN, Yann. A Path Towards Autonomous Machine Intelligence. *OpenReview*, 2022. Disponível em: <https://openreview.net/forum?id=BZ5a1r-kVsf>. Acesso em: 1 jun. 2026; LECUN, Yann; BROWNING, Jacob. Learning Abstractions: A Conversation with Yann LeCun. *Daedalus*, v. 151, n. 2, p. 227-247, 2022. Disponível em: <https://www.amacad.org/publication/daedalus/learning-abstractions-conversation-yann-lecun>. Acesso em: 1 jun. 2026.

Na terceira camada (que na realidade é composta de um sem-número de estratificações) encontramos a multiplicação dos negacionismos das mais diferentes sortes. Por exemplo, os que, como o linguista francês François Rastier, afirmam que as máquinas continuam essencialmente burras, apenas recombinao padrões sem compreender coisa alguma¹⁷: pinóquios digitais¹⁸ ou mesmo papagaios estocásticos¹⁹. Para eles, o problema seria constituído pela “ideologia da IA” – do lado dos engenheiros e das empresas – e o “animismo” dos usuários que atribuem uma agência aos aplicativos.

Há uma quarta camada, mais antiga, que envolve a questão da relação entre corpo e alma e, deste modo, a inscrição – ou não – corporal da mente. Nela encontramos a filosofia de Maurice Merleau-Ponty²⁰ e o debate sobre ciências cognitivas e experiência humana, por exemplo nos trabalhos de Francisco Varela²¹.

17 RASTIER, François. *L'I.A. m'a tué: comprendre un monde post-humain*. Paris: Éditions Intervalles, 2025. Disponível em: <https://editionsintervalles.com/catalog/li-a-ma-tue/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

18 RASTIER, François. *cit.*

19 BENDER, Emily M.; GEBRU, Timnit; MCMILLAN-MAJOR, Angelina; MITCHELL, Margaret. On the dangers of stochastic parrots: can language models be too big? In: ACM CONFERENCE ON FAIRNESS, ACCOUNTABILITY, AND TRANSPARENCY, 2021. *Proceedings [...]*. New York: Association for Computing Machinery, 2021. p. 610-623. DOI: 10.1145/3442188.3445922. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/10.1145/3442188.3445922>. Acesso em: 1 jul. 2026. Cf. também LARSON, Erik J. *The Myth of Artificial Intelligence: why computers can't think the way we do*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2021.

20 MERLEAU-PONTY, Maurice, *La structure du comportement*, PUF, Paris, 1942.

21 VARELA, Francisco, THOMPSON Evan, ROSCH, Eleanor. *The Embodied Mind. Cognitive Science and Human Experience*, MIT, Cambridge Mass, 1991.

DA ALIENAÇÃO À ABSTRAÇÃO

Se fazemos abstração das diferenças e das abordagens mais sofisticadas, o fato é que todas essas posições tendem a compartilhar um mesmo pressuposto, a saber, o de que a inteligência seria uma propriedade localizada em entidades separadas, sejam indivíduos humanos, sejam máquinas. Mesmo a posição mais cuidadosa, que reconhece corretamente a evolução das capacidades das inteligências artificiais, permanece limitada quando toma essa evolução como um simples aumento interno de uma propriedade que seria da máquina, separada dos agenciamentos sociais, materiais, institucionais e maquínicos que a tornam possível.

Quando se afirma que os modelos de inteligência artificial generativa apenas refletem “o passado e a média” e que seu resultado é um modelo centrado “no ser humano médio, e não no singular”, a crítica permanece organizada por um cadafalso, no qual haveria, em primeiro lugar, uma inteligência humana viva, inventiva e individual; em seguida, sua exteriorização em dados; por fim, seu desaparecimento como média estatística ou até mesmo sua atrofiação cognitiva. Essa narrativa ideológica precisa ser desfeita se quisermos recompor politicamente um ponto de vista à altura da política porvir da inteligência artificial. Trata-se, em larga medida, de uma releitura humanista pobre, da crítica da alienação: algo que era nosso se separa (aliena) de nós, ganha autonomia técnica (uma existência própria) e retorna como uma força estranha (alienígena), uma espécie de “segunda natureza” não mais autêntica. Essa crítica aparece, em outro registro, em Chomsky, Roberts e Watumull, para quem sistemas como o ChatGPT produzem uma “aparência” de competência linguística

baseada em correlações estatísticas, mas permanecem incapazes de explicação, compreensão e julgamento²². O que a IA produz seria, assim, a realização do que previa Jean Baudrillard: um simulacro de uma realidade de que teria existência própria²³.

O que é feito acaba se transformando em fetiche e esse em fetichismo, algo como um desvio ou uma segunda religião²⁴. Não por acaso, ainda em 1997, ao passo que a IA generativa ainda era uma mera prefiguração, já se associava a inteligência artificial ao sonho da imortalidade da mente²⁵.

A produção humana exteriorizada em linguagem, textos, imagens, dados, gestos e comportamentos, portanto, seria abstraída até perder sua “singularidade” e voltar sob a forma da média estatística. Mas a exteriorização não é, por si mesma, uma perda da experiência. Ela é, ao contrário, uma das condições materiais da evolução da inteligência. A linguagem é uma exteriorização do pensamento no comum; a escrita, sua fixação e sua transmissão; a técnica, o prolongamento dos gestos e das capacidades; por sua vez, a moeda, a cidade, o direito, a ciência e as instituições permitem acumular, comparar, verificar e recombinar experiências que nenhum corpo individual poderia desenvolver sozinho. Aliás, nenhum corpo sozinho poderia existir sem exteriorização. Externalizar é também tornar uma capaci-

22 CHOMSKY, Noam; ROBERTS, Ian; WATUMULL, Jeffrey. The false promise of ChatGPT. *The New York Times*, 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2023/03/08/opinion/noam-chomsky-chatgpt-ai.html>. Acesso em: 1 jul. 2026.

23 BAUDRILLARD, Jean. *Simulacres et simulation*, 1981, Galilée, Paris.

24 LATOUR, Bruno. *Petite réflexion sur le culte moderne des dieux factices*, Synthelabo, Paris, 1996.

25 NOBLE, David F., *The Religion of Technology. The divinity of man and the spirit of invention*. Penguin, London. Cap. 10.

dade transmissível, cooperativa, disputável e capaz de voltar ao comum em outra escala. Sem exteriorização e sem acumulação, não há memória coletiva, nem ciência, nem política, nem singularidade histórica.

O erro aqui, deste modo, está em confundir exteriorização com alienação, abstração com empobrecimento e a mediação tecnológica com uma suposta perda de autenticidade. Dentro dessa tradição, não nos surpreende que a IA apareceria, assim, como um novo capítulo de uma velha história, na qual a atividade humana se converte em coisa e a coisa se volta contra os próprios sujeitos que a produziram: eis a cena da grande indústria, da fábrica, da máquina e do trabalhador diante de sua própria atividade convertida em poder exterior que o domina. É Charlie Chaplin engolido pela linha de montagem que se transforma em engrenagem da maquinária ou Lulù, o operário taylorista interpretado por Gian Maria Volonté, que procura desesperadamente um sentido – um paraíso – para as peças que ele molda no torno²⁶. Foram Marx e Engels que construíram a teoria do comunismo enquanto abolição da alienação e, portanto, da própria divisão do trabalho, isto é, da oposição entre trabalho manual e trabalho intelectual²⁷. Mas essa velha história carrega consigo, por um lado, os problemas de uma crítica do trabalho assalariado que Marx compara idealisticamente a uma forma de escravidão²⁸ e, pelo outro, uma subavaliação sociológica da questão da cooperação e da abstração

26 Estamos falando de *Tempos Modernos* (1936) e de *A Classe Operária Vai ao Paraíso*, de Elio Petri, 1971.

27 MARX, Karl e ENGELS, Friedrich, *L'idéologie allemande*, p.32-33.

28 MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. Tradução de Mario Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011, p. 372-373.

como se toda mediação abstrata fosse apenas perda, dominação ou empobrecimento do concreto. Ora, a abstração, que é também monetária, científica, técnica, jurídica, institucional e logística, permite medir, comparar, coordenar, transmitir, acumular, recombina e desenvolver atividades sociais em escalas que nenhuma experiência imediata e individual poderia sustentar. As experiências do socialismo (real ou do século XXI) nos mostraram as consequências nefastas (necropolíticas) da fantasia de abolir essas mediações. Ao tentar suprimir ou controlar rigidamente a cooperação e a abstração, não produziram uma sociedade mais livre, mas formas de comando, burocracia e empobrecimento ainda piores.

Transpor esse esquema diretamente para a metrópole algorítmica, da fábrica ao Big Data, é muito insuficiente²⁹. O próprio Claude Lévi-Strauss tinha problematizado isso em termos diferentes. Em suas conferências no Japão, ele dizia que a nossa cultura (moderna) produz ordem e com isso também muita entropia (conflitos que esgotam seus valores) ao passo que aquilo “que nós chamamos ‘primitivos’ ou povos sem escrita fabricam pouca ordem por meio de sua cultura, (mas) muita pouca entropia em suas sociedades”³⁰. O ideal, para ele, seria visar o desenvolvimento de uma terceira via, uma sociedade capaz de produzir

29 Tronti já havia deslocado esse ponto contra o marxismo humanista. Do ponto de vista operário, não se reconhecer no trabalho, não fazer dele sua identidade, vocação ou realização humana, podia se tornar uma força política. A alienação, portanto, deixava de ser apenas o sintoma de uma dominação e passava a operar também como uma possível forma de recusa da função que o capital atribuía à força de trabalho. Cf. TRONTI, Mario. *Operai e capitale*. Torino: Einaudi, 1966.

30 LÉVI-STRAUSS, Claude, *L'anthropologie face aux problèmes du monde moderne*, Seuil, Paris, 2011, p. 91.

cada vez mais ordem sem com isso aumentar a entropia na sociedade. Para ele, o “desenvolvimento da eletrônica nos faz entrever que um dia será possível passar de uma civilização que inaugurou o devir histórico, mas reduzindo os homens à condição de máquinas, para uma civilização mais sábia que – como se começa a fazer com os robôs – transforma as máquinas em homens”³¹. Na realidade, o que se está acelerando não é uma separação entre uma inteligência das máquinas e a inteligência humana, mas o agenciamento entre o humano e a máquina.

Na metrópole algorítmica e seu agenciamento planetário de computação, estamos dentro de um sistema onde linguagem, atenção, mobilidade, imagens, relações, consumo, pesquisa, desejo e bilhões de decisões que tomamos em nossa vida cotidiana se convertem em dados e se retroalimentam continuamente. A transpiração dos fluxos metropolitanos não evapora mais. Se, no capitalismo industrial, “tudo que era sólido se desmanchava no ar”³², na metrópole algorítmica tudo que é vivido se cristaliza em dados³³.

É justamente aí que a abstração deixa de ter que ser pensada apenas como uma perda efetiva do concreto. Deste modo, a IA não opera “depois” da fábrica, como se a grande indústria tivesse desaparecido. A algorítmica e a inteligência artificial são, na realidade,

31 *Ibid.*, p. 92.

32 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Tradução de Álvaro Pina. São Paulo: Boitempo, 2010.

33 COCCO, Giuseppe; FORTES, Felipe. Aceleração algorítmica, crise da soberania e noopolítica: a batalha pelo controle das redes. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, Rio de Janeiro, n. 72, 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200>. Acesso em: 1 jun. 2026. Cf. também GREENFIELD, Adam, *Radical Technologies*, Verso. London, 2017.

novas formas de indústrias que transformam todas as indústrias³⁴. Os diagramas nos quais fábrica, logística, plataforma, *data center*, infraestrutura urbana, redes de comunicação e formas metropolitanas de cooperação se acoplam e conseguem criar qualidade a partir da quantidade e sentido com base na complexidade.

O que interessa não é se o desenvolvimento da algorítmica e da inteligência artificial usa alguma fórmula da média, mas que tipo de abstração esses diagramas desenham, que formas de inteligência eles tornam operáveis, sob quais regimes técnicos e políticos essa operação ocorre e que dinâmicas de conflito ela tende a produzir.

Os modelos não põem em operação simplesmente “o humano”. Eles trabalham sobre rastros e traços de processos de inteligência coletiva, como linguagens, conceitos, estilos, códigos, práticas científicas, formas de cooperação, conhecimentos sedimentados e saberes compartilhados. Trabalham, portanto, sobre o comum, entendido não como *commons*, isto é, como conjunto de bens comuns já disponíveis, mas como plano de produção de subjetividade³⁵. O desafio que nos coloca a IA não vem do fato que ela explora o comum (sem pagá-lo), mas que ela participa da sua criação e, portanto, de sua valorização.

Dizer que a IA generativa “apenas reproduz, com eficiência estatística, o que a humanidade já registrou”³⁶ é confundir sua condição de treinamento com

34 BERRY, Gérard. *L'hyperpuissance de l'informatique: algorithmes, données, machines, réseaux*. Paris: Odile Jacob, 2017.

35 HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Commonwealth*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2009.

36 ROQUE, Tatiana. “A inteligência artificial é o espelho do que já fomos. A política é o que ainda podemos ser”. Entrevista

sua função social e reduzir a crítica material a um jogo ideológico que, no fim, é conservador. Uma vez incorporada à escrita, à programação, à pesquisa, à educação, à produção de imagens, à gestão e à tomada de decisão, a IA deixa de ser apenas um modelo treinado sobre registros do passado e passa a operar como uma infraestrutura cognitiva do presente. Sem dúvida, há “passado” aí, como há em todos os livros que estudamos, nas narrativas que escutamos e nos artigos e livros que escrevemos. Mas há também presente, porque esses rastros não são fósseis de uma humanidade já concluída, mas embriões de uma humanidade em devir e por vir.

O humano não é uma substância dada de uma vez por todas; é evolução: uma construção histórica, tecnológica e política. Por isso que o comum não é (apenas um bem), mas uma relação, uma subjetividade. Se um humanismo não assume essa dimensão construtiva, evolutiva, rapidamente se converte em uma forma de essencialismo. Esses rastros (os dados), portanto, são continuamente produzidos, atualizados, recombina-dos e disputados nas práticas vivas da cooperação social. Os dados, nesse sentido, são átomos e partículas do comum e não minérios a serem extraídos. O que está em jogo é que o aumento exponencial de dados (informação) não se torna mais entropia (ruído, caos), mas alimenta uma maquinária de gerar sentido: quanto mais dados, mais inteligência, menos entropia.

concedida a Thiago Gama. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, São Leopoldo, 28 maio 2026. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/666574-a-inteligencia-artificial-e-o-espelho-do-que-ja-fomos-a-politica-e-o-que-ainda-podemos-ser-entrevista-com-tatiana-roque>. Acesso em: 2 jul. 2026.

Na crítica da engenharia política das Big Techs, o problema não é uma reprodução diminuída do humano, pois essa reprodução simplesmente não ocorre. O problema está nos modos de reorganização e recombinação da inteligência social. Esses são sempre atravessados por ambivalências e na reorganização das condições de plasticidade do humano, isto é, dos modos pelos quais nossas capacidades se exteriorizam, se recombinaem, se ampliam ou se fecham em novas mediações técnicas, institucionais e políticas.

Com isso, não negamos que isso possa acabar gerando jaulas algorítmicas. Contudo, isso não é nem linear, nem necessariamente algorítmico. A adesão de parte das Big Techs ao governo Trump 2.0, menos que demonstrar que os algoritmos são jaulas, mais indica que os projetos de poder continuam se baseando nas jaulas muito concretas: prisões, fronteiras, campos de detenção, deportações, vigilância policial e no fascismo. Os algoritmos da Palantir podem, sim, contribuir sinistramente à deportação em massa dos imigrantes, mas o que a torna efetiva é a impunidade pela violência homicida das milícias do ICE, como vimos em Minneapolis, e a ordem executiva de Trump que transformou em terroristas os coletivos antifa que manifestam contra essas operações, e estão sendo condenados a 50, 60 e até 70 anos de prisão federal³⁷.

O segundo ponto é desfazer a identificação entre a abstração e o empobrecimento da experiência. Aqui, um outro Marx e a sua leitura operaísta nos auxiliam,

37 Lex MacMenamin, 'This is injustice': how leftist zines were used to sentence anti-ICE protesters to decades of prison, *The Guardian*, 24 de junho de 2026. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/ng-interactive/2026/jun/24/prairieland-texas-ice-protests-zines>. Acesso em: 26 jun. 2026.

embora já não bastem mais para resolvê-la. Nos melhores momentos de Marx, o mais abstrato não aparece como um fantasma, um simulacro do concreto. Sohn-Rethel chamou isso de abstração real, uma abstração que não nasce primeiro na cabeça, mas nas práticas materiais de troca, equivalência e síntese social³⁸. A abstração, portanto, não é necessariamente o contrário da riqueza concreta. Ela pode ser o modo pelo qual essa riqueza muda de escala. Se voltamos a Marx, descobrimos inclusive que é a forma mais desenvolvida de abstração que permite compreender retrospectivamente as formas anteriores (é a anatomia do homem que explica aquela do macaco e não o contrário)³⁹. A finança, por exemplo, nessa leitura marxiana, não é uma deformação tardia do capital industrial, mas algo da própria lógica abstrata do capital. Em outro lugar, já mostramos que, mais do que isso, a moeda e as finanças estão na base da própria dinâmica do capitalismo⁴⁰. Negri radicaliza a intuição em *Marx além de Marx*, ao mostrar que a abstração não é o contrário da riqueza social, mas uma das formas pelas quais a cooperação se generaliza, o conhecimento se socializa e o comum se torna uma força produtiva⁴¹.

A tendência à abstração, portanto, não é negativa em si e não necessariamente leva a uma homogeneização. Ela é também desterritorialização, deslocamento

38 SOHN-RETHEL, Alfred. *Intellectual and Manual Labour: A Critique of Epistemology*. London: Macmillan, 1978.

39 MARX, Karl. *Elementos fundamentais para a crítica da economia política: Grundrisse: 1857-1858*. Tradução de Mario Duayer e Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: 2011.

40 CAVA, Bruno e COCCO, Giuseppe. *A vida da moeda*, Mauad, Rio de Janeiro, 2020.

41 NEGRI, Antonio. *Marx além de Marx: ciência da crise e da subversão: cadernos de trabalho sobre os Grundrisse*. Tradução de Bruno Cava. São Paulo: Autonomia Literária, 2016.

e recomposição em outra escala. E a escala aqui é fundamental. Às vezes, aquilo que nos parece abstrato só parece homogêneo porque opera em uma escala maior do que nossa capacidade imediata de percepção e compreensão. A cena do tesseract⁴² em *Interestelar* é uma boa imagem disso. Ao entrar em uma dimensão que excede sua experiência ordinária, Cooper, interpretado por Matthew McConaughey, percebe inicialmente uma arquitetura quase incompreensível, abstrata demais para ser habitada. Mas o que aparece ali não é uma massa indiferenciada. É uma estrutura altamente singular, feita de relações entre tempos, afetos, espaços, mensagens e novas possibilidades de ação. Aos poucos, o personagem aprende a operar nessa escala e descobre que aquilo que parecia pura abstração era também um campo de orientação, intervenção e produção de sentido. Aqui, a abstração não dissolve necessariamente a singularidade; ela desloca a escala em que a singularidade pode ser percebida e operada.

ALÉM DA CAPTURA E DO EXTRATIVISMO

Opós-operaísmo italiano⁴³, mesmo com suas turbulências, foi uma bússola para atravessar a passagem do fordismo ao pós-fordismo, das sociedades

42 Referência ao filme *Interestelar* (*Interstellar*, Christopher Nolan, 2014), no qual o tesseract designa uma estrutura extradimensional que permite o personagem Cooper perceber e operar relações temporais inacessíveis à experiência ordinária.

43 Estamos falando das pesquisas de Antonio Negri, cf. COCCO, Giuseppe. *Trabalho e Cidadania*, Cortez, São Paulo. 2000 e FORTES, Felipe. *Do operaísmo à autonomia na filosofia de Antonio Negri: por um perspectivismo e um aceleracionismo das lutas*. 2024. 406 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/11168>. Acesso em: 1 jul. 2026.

disciplinares às sociedades de controle, do trabalho industrial ao trabalho imaterial, das redes informacionais ao capitalismo cognitivo. No meio desse esforço, ele colocou a antecipação marxiana de *General Intellect*. Mas a inteligência artificial generativa exige reorientar nosso norte. O pós-operaísmo não pensou a IA como um problema central. As tentativas mais sistemáticas de aplicar esse método à IA talvez tenham sido, inicialmente, a de Paolo Virno em seu esforço de apreender as dimensões linguísticas do trabalho no pós-fordismo e, depois, a de Matteo Pasquinelli que pesquisa efetivamente a “automação” do *General Intellect* e sua genealogia (com a ênfase no papel de Babbage)⁴⁴. Mas essa última tentativa permanece, a nosso ver, enjaulada ao esquema marxista da divisão do trabalho, da extração e da captura da inteligência coletiva⁴⁵. Em parte, o problema está em Marx; em parte, porém, está também na tradição de leitores de Deleuze e Guattari e de um enviesamento que mobiliza à revelia o esquema binário entre “máquinas de guerra revolucionárias” e os “aparelhos de captura”. Quando esse esquema binário é transposto diretamente para a IA, a inteligência coletiva aparece primeiro como uma potência exterior, móvel e criadora, para depois ser apropriada por uma máquina capitalista de captura. Já com a IA de hoje, estamos muito além das dinâmicas de captura, inteira-

44 VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e Revolução* (1994) tradução do italiano de Paulo Andrade Lemos, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2008. PASQUINELLI, Matteo. *The Eye of the Master: A Social History of Artificial Intelligence*. London: Verso, 2023.

45 FORTES, Felipe. Entre acertos, erros e questões, o pós-operaísmo debate os algoritmos e a inteligência artificial. *Revista Direito e Práxis*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, 2025. DOI: 10.1590/2179-8966/2025/92065. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaceaju/article/view/92065>. Acesso em: 1 jun. 2026.

mente dentro das próprias dinâmicas gerativas da inteligência. A dificuldade da crítica é precisamente a de se reinventar “diante e dentro” dessa inflexão.

A IA, portanto, não extrai, mas participa da criação social e esse é o desafio totalmente novo que temos que enfrentar. Nesse sentido, os temas do capitalismo cognitivo precisam ser revisados. A ideia de que, na passagem a um capitalismo baseado no conhecimento, a lei do valor se deslocaria do jogo entre a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa, para um no qual a cooperação (a ciência transformada efetivamente em *General Intellect*) seria primeira diante de um capital que apenas a captura *a posteriori*, como um parasita, não funciona mais. A inteligência social não aparece mais apenas como riqueza comum apropriada *a posteriori*, pois ela é como uma produção híbrida, constituída em agenciamentos entre linguagem, trabalho vivo, ciência, modelos, interfaces, infraestruturas e máquinas. Aqui se coloca uma questão que ainda não tem uma resposta muito definida: ou essa capacidade de inovação é totalmente interna à própria dinâmica da acumulação ou, ao contrário, a IA indica, como veremos, um horizonte onde a acumulação se transmuta, no sentido que ela se mistura com a cooperação social produtiva, e os dois termos conseguem, enfim, ficar juntos, se retroalimentando. A própria noção de acumulação adquire uma outra dimensão, uma nova perspectiva: ontológica (ontogenética) e não mais “capitalista”.

Nesse caso, temos um processo de hibridização no nível da cooperação social, “desde baixo”, entre humanos, máquinas, modelos, interfaces e saberes compartilhados e também no nível das dinâmicas da própria acumulação em que capital, ciência, trabalho vivo,

infraestrutura computacional e cooperação social passariam a compor agenciamentos produtivos nos quais os dois termos, acumulação e cooperação, já não se opõem exteriormente, mas se misturam, se tensionam e se retroalimentam.

A “fuga para frente” de um conjunto de padrões das Big Techs ou dos fundos de capital de risco (*venture capital*) pode ser o indicador não do poderio dessas empresas, mas da insegurança da aposta que as caracteriza. As Big Techs e os fundos de investimento talvez não acelerem a IA porque controlam tudo com segurança, mas porque estão presos a uma dinâmica que eles mesmos já não podem interromper ou controlar. Precisam continuar investindo, automatizando, lançando modelos, captando capital, reorganizando trabalho e infraestruturas. Aceleram porque não podem fazer diferente, já que não há acumulação sem intensificação contínua da inteligência, sem incorporação de modelos, infraestruturas, trabalho vivo, ciência, dados e expectativas financeiras em um mesmo circuito expansivo. A fortuna de Elon Musk é talvez o índice mais espetacular dessa ambivalência. Ela não expressa apenas riqueza acumulada, mas a capitalização antecipada de futuros possíveis, nos quais carros elétricos, foguetes, satélites, plataformas, neurotecnologias e inteligência artificial aparecem como partes de um mesmo vetor de aceleração. É por isso que a alternativa não é desacelerar de fora, como se houvesse um ponto de equilíbrio anterior a ser restaurado, mas disputar por dentro a direção da aceleração, desviando seus agenciamentos e ampliando suas potências cooperativas. É nela, e não fora dela, que se decidirá se a inteligência social será subordinada a novas formas de comando ou se poderá abrir linhas de recomposição democrática, cooperati-

va e maquina. A entrevista de Marc Andreessen ao *New York Times* – logo no momento da posse de Trump 2.0 – é nesse sentido emblemática: ele mostra estar extremamente preocupado com os “kids”, como ele chama as forças de trabalho do Vale do Silício. Quando o jornalista lhe pergunta por que não recorrer simplesmente a demissões em massa e, portanto, à substituição desses trabalhadores demasiadamente politizados, ele responde de maneira muito simples: porque não há outras forças de trabalho disponíveis para isso e as que vêm dos *campi* são ainda mais problemáticas⁴⁶. As Big Techs não são onipotentes. Ao contrário. A dependência em relação aos “kids”, aos trabalhadores altamente qualificados e politizados do Vale do Silício, mostra que essas empresas continuam presas à força de trabalho viva, à cooperação, aos conflitos culturais e às lutas internas. A cooperação se produz por dentro do capital, contra ele e através dele. É por isso que a IA nos obriga a pensar uma hibridização ou um agenciamento em dois níveis. Há hibridização e agenciamento no nível da cooperação social, entre humanos, máquinas, modelos, interfaces e saberes compartilhados. Mas há também hibridização e agenciamento no nível da própria acumulação, que passa a depender cada vez mais da incorporação, programação e intensificação dessas formas cooperativas de inteligência. O conflito já não se dá entre uma cooperação pura e um capital exterior que a captura depois, mas no interior dos agenciamentos em que cooperação social e acumulação se mistu-

46 Ross Douthat, “How Democrats Drove Silicon Valley into Trump’s Arms. Marc Andreessen explains the newest faction of conservatism”, *The New York Times*, 17 de janeiro de 2025.

ram, se tensionam e se retroalimentam. Aqui a questão posta é a de saber se o capital não é mais um “inimigo” da emancipação, mas seu próprio terreno de disputa.

Por outra parte, o que está acontecendo com a aceleração algorítmica, tomando *cum grano salis* as leituras que já mobilizam a noção de “capitalismo algorítmico”⁴⁷, escapa à imagem de um processo já estabilizado e tranquilamente governado por um regime de acumulação consolidado. Não por acaso, sua fenomenologia é a de uma crise multiescalar do capitalismo global. Não acreditamos, portanto, que já se possa falar de um outro regime de acumulação que já teria sua regulação em formação. O que interessa é apreender a passagem a um regime no qual a inteligência coletiva é não apenas apropriada, mas transformada, ampliada e maquinizada por novos agenciamentos entre humanos, máquinas, interfaces e infraestruturas tecnológicas. Isso já desloca as relações não apenas entre capital fixo e capital variável, mas também entre finança, moeda e tecnologia, segundo linhas que estão longe de ser consolidadas. Como o próprio Papa enfatizou em sua encíclica, uma das maiores dificuldades da análise e, portanto, da crítica, é que aquilo que apreendemos hoje pode ter radicalmente mudado amanhã⁴⁸.

47 EGAN, Martyn. Towards a political economy of algorithmic capitalism. *Capital & Class, OnlineFirst*, 16 mar. 2025. DOI: 10.1177/03098168251326189. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/03098168251326189>. Acesso em: 1 jun. 2026. GRINDSTED, Thomas Skou. Geographies of high frequency trading: algorithmic capitalism and its contradictory elements. *Geoforum*, v. 68, p. 25-28, jan. 2016. DOI: 10.1016/j.geoforum.2015.11.010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0016718515302402>. Acesso em: 1 jun. 2026. DURAND FOLCO, Jonathan; MARTINEAU, Jonathan. *Le capital algorithmique: accumulation, pouvoir et résistance à l'ère de l'intelligence artificielle*. Montréal: Écosociété, 2023.

48 LEÃO XIV, Papa. *Magnifica humanitas: sobre a salvaguarda da*

Estamos vivenciando, portanto, exatamente o contrário do que as críticas apressadas e ideológicas da inteligência artificial afirmam. A IA generativa não reduz a inteligência humana em uma média estatística empobrecida e homogeneizante. Ela transmuta a massa heterogênea que constitui os Big Data em uma nova capacidade gerativa. Nesse sentido, Le Cun pode até ter razão em sua crítica da AGI e dos LLMs, mas isso não muda o fato que a IA “já” está transformando a quantidade em qualidade⁴⁹.

Nas leituras clássicas de Marx e do pós-operaísmo, a noção de *General Intellect* indicava a incorporação do saber social geral às máquinas, às ciências, às redes e às formas de cooperação. Com a inteligência artificial generativa, essa sedimentação muda de qualidade. O *General Intellect* não está simplesmente residindo nos modelos ou nas máquinas. O que ocorre é que ele passa a operar no acoplamento entre as infraestruturas computacionais, modelos, dados, interfaces, *prompts* e o trabalho vivo e a cooperação social. Nesse ponto, a distinção clássica entre capital fixo e capital variável começa a se embaralhar: a máquina aprende com a co-

pessoa humana no tempo da inteligência artificial. Carta encíclica. Vaticano: Santa Sé, 15 maio 2026. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/en/encyclicals/documents/20260515-magnifica-humanitas.html>. Acesso em: 24 jul. 2026. Cf. também SULLIVAN, Jake; FELDMAN, Tal. Geopolitics in the age of artificial intelligence: strategy and power in an uncertain AI future. *Foreign Affairs*, 27 jan. 2026. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/geopolitics-age-artificial-intelligence>. Acesso em: 24 jul. 2026.

49 LE CUN, Yann. *Quand la machine apprend: la révolution des neurones artificiels et de l'apprentissage profond*. Com a colaboração de Catherine Brizard. Paris: Odile Jacob, 2019.

operação social, enquanto o trabalho vivo passa a operar por meio de máquinas capazes de inferir, sugerir, recombinar e produzir linguagem.

Há aqui, portanto, uma clivagem decisiva e de tipo novo. Aquilo que uma leitura puramente estatística poderia tratar como ruído, resíduo, excesso ou repetição de informação (entropia) torna-se nova matéria de produção de sentido (organização). O que antes aparecia como simples acumulação de dados passa a funcionar como uma potência generativa e um novo campo de experimentação cognitiva. A IA, desse modo, opera sobre dados produzidos por múltiplas atividades sociais e faz deles uma nova inteligência operativa. Dessa maneira, os rastros, regularidades e sedimentações do comum tornam-se capazes de produzir conexões, hipóteses, encadeamentos e novos agenciamentos cognitivos.

Isso não significa que a IA produza o “novo”, “pense” ou tenha “consciência” do mesmo modo que um sujeito humano, mas que o novo e o pensamento começam a emergir de agenciamentos nos quais humanos, modelos generativos, arquivos, interfaces, instituições e infraestruturas passam a operar juntos em novas formas de hibridização, isto é, em um novo patamar de uma hibridização que, ao mesmo tempo e desde sempre, é constitutiva do próprio processo de hominização enquanto construção biocultural de um cérebro que sempre foi social e cada vez mais externalizado. A própria hominização pode ser lida como uma história de exteriorizações sucessivas. Como mostra Jean-Jacques Hublin, a evolução humana nunca separou simplesmente biologia e cultura⁵⁰. Cérebro, energia, técnica,

50 HUBLIN, Jean-Jacques. *La tyrannie du cerveau: un nouveau récit*

cooperação, linguagem e transformação do ambiente se desenvolveram em conjunto. Nesse sentido, exteriorizar não é perder humanidade, mas produzi-la em outra escala. Podemos até dizer, portanto, que a “subsunção real” é uma nova dobra dessa hominização, agora à procura de formas jurídicas adequadas. O desafio é que enquanto as capacidades humanas se acumulam e se exteriorizam em máquinas, redes, modelos e infraestruturas, as instituições ainda tentam encontrar formas capazes de reconhecê-las, regulá-las e distribuí-las democraticamente.

ACUMULAÇÃO E INVENÇÃO

Os negacionistas ficam sossegados porque pressupõem que no trabalho da ciência o novo emerge como ruptura total com os padrões existentes e que, por isso, uma IA treinada sobre regularidades do passado seria incapaz de participar da formulação de problemas, conceitos ou soluções verdadeiramente novos. Nesse ponto, o uso do conceito de revolução aparece em sua dupla impostura. De um lado, muitas críticas à IA invocam a revolução apenas para proteger uma imagem conservadora da invenção, como se o novo verdadeiro só pudesse nascer de uma exterioridade humana, política ou subjetiva. De outro, a própria palavra revolução já não dá conta das transformações em curso, que avançam menos como ruptura pura do que como recomposição acelerada de escalas, infraestruturas e formas de inteligência. A produção científica ajuda a desfazer essa imagem, pois nela o novo nunca emerge *ex nihilo*. A história da ciência mostra exatamente o contrário. Em Thomas Kuhn, mesmo as

de l'évolution humaine. Paris: Robert Laffont, 2024.

“revoluções científicas” nascem no interior de paradigmas, práticas, instrumentos, comunidades e problemas acumulados. Karl Popper também afirma que “uma nova teoria, embora revolucionária, deve sempre ser capaz de explicar, completamente, o sucesso de suas predecessoras”⁵¹. Nesse sentido, “o progresso da ciência” não é “meramente cumulativo, (mas) sempre conservador”⁵². Assim como foi a relação estreita às instituições em vigor que permitiu à monarquia constitucional britânica ser mais revolucionária que a França napoleônica em termos de inovação monetária⁵³.

As inovações não surgem tanto como uma força exterior à história, mas sim como a reorganização de um campo de saber, muitas vezes a partir de anomalias, impasses e deslocamentos internos à “ciência normal”⁵⁴. O novo, portanto, não é o contrário da acumulação, mas é uma transformação qualitativa na maneira como essa se torna problemática, operável e pensável. Se isso vale para a ciência moderna, é preciso investigar como essa dinâmica se reorganiza nos agenciamentos contemporâneos de inteligência artificial e no que isso implica para as noções de capital fixo e variável. Quando o que é acumulado (fixo) sob forma de *chips*, fibras óticas e dados é capaz de gerar linguagens, imagens, cálculos, é a separação entre fixo e variável,

51 “Razão ou revolução?” (1970) in *Lógica das ciências sociais*. Tradução de Ápio Cláudio Muniz Acquarone Filho, Ed. UnB e Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978, p. 68.

52 *Ibid.* p. 67.

53 Cf. COCCO, Giuseppe. “O que as inovações monetárias ensinam sobre o conceito de revolução”, *Estado da Arte*, 17 de outubro de 2024. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/politica/o-que-as-inovacoes-monetarias-ensinam-sobre-o-conceito-de-revolucaao/>. Acesso em: 5 jun. 2026.

54 KUHN, Thomas S. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.

imóvel e móvel que acaba sendo transformada. Sem querer minimizar sua perigosidade política, podemos nos perguntar se o ativismo de alguns dos padrões das Big Techs talvez seja o sinal desse deslocamento e de suas inquietações, mais do que o resultado de uma afirmação clara de um projeto de poder.

O decisivo está em compreender como arranjos entre modelos, arquivos, problemas, instituições e comunidades científicas tornam possível a emergência de conexões, hipóteses e soluções novas. Os exemplos recentes da matemática, que apresentamos no início do texto, apontam precisamente nessa direção. O que aparece neles não é a substituição do matemático pela máquina, nem a permanência de uma criatividade humana exterior à tecnologia, mas o rearranjo das formas híbridas de inteligência e composição subjetiva.

TESE 2. POLÍTICA: A POLÍTICA É IMANENTE À TECNOLOGIA

A IA não é espelho do passado, mas uma infraestrutura cognitiva, material e geopolítica do presente: que produz o presente e o porvir. Contra a ideia de uma política exterior à tecnologia, trata-se de disputar os diagramas do “Stack”, onde chips, clouds, plataformas, Estados e Big Tech reorganizam a inteligência social. A questão não é sair da IA, mas descobrir como democratizar os campos de percepção, decisão, coordenação e ação. A crítica externa da tecnologia é uma transcendência, e o mecanismo dessa armadilha é a noção de revolução.

Diz-se que “a inteligência artificial é o espelho do que já fomos”. À primeira vista, essa parece ser uma crítica pertinente. O espelho é uma metáfora sedutora

porque, de fato, a IA nos devolve algo de nós mesmos, mas não simplesmente a nossa imagem refletida. Ela trabalha sobre registros, rastros, textos, imagens, códigos e formas de vida que produzimos coletivamente e muito disso faz parte da “arqueologia do que nós fomos”, inclusive formas de desigualdades, hierarquias, violências e, pois, um sem-número de vieses. Mas o problema do espelho é que ele sugere uma superfície passiva, como se a IA apenas refletisse aquilo que já estava dado. A lente da IA não é nem o olho do patrão nem o espelho de Narciso. Além disso, o espelho é uma figura bem mais interessante do que parece, inclusive porque há vários tipos de espelhos. Umberto Eco lembra que nós confiamos no espelho como se fosse nossos óculos ou binóculos porque ele é uma prótese, quer dizer um “aparelho que estende (poderíamos dizer ‘aumenta’) o raio de ação de um órgão”⁵⁵. E, “enquanto prótese, os espelhos são *canais* (que) permitem a passagem de informações”⁵⁶, onde o conceito de informação é exatamente aquele que está no cerne da sua noção contemporânea da física quântica e da ciência da informação: estímulos e sinais computáveis. Nesse mesmo texto, Eco nos lembra da experiência ambígua de Alice que atravessa o espelho e, portanto, da vivência de uma imagem virtual como se fosse real⁵⁷. Gilles Deleuze também afirma que é na superfície, nos efeitos de superfície que o “devir-ilimitado se torna o próprio acontecimento”⁵⁸. É por isso, continua o filósofo francês, que “Lewis Carroll renuncia ao primeiro título

55 *Sugli specchi e altri saggi. Il segno, la rappresentazione, l'illusione, l'immagine*. Bompiani, Milano, 1985, p. 30.

56 *Ibid.*, p.21.

57 *Ibid.*, p.40.

58 *Logique du sens*. Minuit, Paris, 1969, p. 17.

que ele tinha previsto, ‘As aventuras subterrâneas de Alice’” e decidiu por “O outro lado do espelho” e sua superfície⁵⁹. Assim, Alice “cria superfícies”⁶⁰.

A lente da IA se parece mais com uma câmera computacional com *zoom*, enquadramento, processamento e recomposição, como um acelerador de partículas. Não apenas registra uma cena, mas aproxima, filtra, estabiliza, destaca relações, reorganiza escalas e torna operáveis aspectos da realidade que, a olho nu, permaneceriam dispersos ou imperceptíveis. Quer dizer, ela alimenta o próprio trabalho da ciência.

A IA generativa funciona, pois, muito mais como uma lente do que como um espelho, ou mesmo como aquilo que Ken Liu chamou de “noematógrafo”, uma máquina capaz de tornar operáveis formas de pensamento, subjetividade e imaginação que antes permaneciam dispersas nos arquivos do comum⁶¹. De modo análogo, a física Sara Walker reconstrói a tecnologia como parte de linhagens evolutivas de informação e isso em um marco extremamente interessante no qual vida e técnica são uma coisa só. Para ela, do mesmo modo que microscópios e telescópios ampliaram a capacidade humana de ver o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, a IA, por sua vez, prolonga esse movimento ao usar algoritmos para interpretar massas de dados e nos fazer “ver” o mundo em uma escala que já excede aquela da percepção individual⁶². A lente da

59 *Ibid.*, p. 19.

60 DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*, Minuit, Paris, 1993, p. 34.

61 GARDELS, Nathan. From Cinema to the Noematograph. *Noema Magazine*, 14 nov. 2025. Disponível em: <https://www.noemamag.com/from-cinema-to-the-noematograph/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

62 WALKER, Sara Imari. AI Is Life. *Noema Magazine*, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://www.noemamag.com/ai-is-life/>. Acesso em: 3 jun. 2026.

IA, deste modo, não apenas registra o que já existe, mas também altera escalas de percepção, tornando operáveis regularidades antes dispersas e, além disso, já está instalada na arquitetura cognitiva, logística e geopolítica do presente. Ao mesmo tempo, a técnica como vida coloca uma possibilidade de apreender a dinâmica da IA diante de um desafio que não é o da automação, mas aquele da plasticidade, isto é, “a propriedade que possuem os sistemas (e os organismos ou os constituintes de organismos) suscetíveis de se deformar de maneira coerente e autônoma, para responder a uma solicitação interna ou externa”⁶³.

Essa diferença é decisiva porque desloca a própria noção de política. Com a teoria do espelho pretende-se dizer que “uma IA treinada sobre o que já existe não tem como gerar o que ainda não existe” e que “o que ainda não existe é precisamente o território da política”⁶⁴. A primeira afirmação não dá conta do que a IA realmente faz, como os exemplos anteriores já indicam. A segunda reafirma que a política tem a ver com a abertura do possível, com a invenção de direitos, instituições e formas de vida que ainda não estão dadas. Mas, ao reservar o novo à política e associar a IA ao já existente, organiza-se uma má topologia, na qual a tecnologia aparece como domínio da repetição e a política como transcendência em relação à tecnolo-

63 LAMBERT, Dominique; REZSÖHAZY, René. *Comment les pattes viennent au serpent: essai sur l'étonnante plasticité du vivant*. Paris: Flammarion, 2004. p. 25.

64 ROQUE, Tatiana. “A inteligência artificial é o espelho do que já fomos. A política é o que ainda podemos ser”. Entrevista concedida a Thiago Gama. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, São Leopoldo, 28 maio 2026. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/666574-a-inteligencia-artificial-e-o-espelho-do-que-ja-fomos-a-politica-e-o-que-ainda-podemos-ser-entrevista-com-tatiana-roque>. Acesso em: 2 jul. 2026.

gia. Quem diz que essa transcendência seria melhor e mais democrática? A política não começa onde a tecnologia termina. A paixão pelo fora é um vício antigo do pensamento de esquerda. Colocar-se “fora” do capital, “fora” da globalização, “fora” do neoliberalismo, “fora” das instituições, “fora das finanças” e, agora, “fora” da IA⁶⁵. Acontece que a posição do fora nunca foi uma posição radical. Foi sempre um modo de abdicar das lutas reais, travadas por dentro das relações de força existentes. E quando não abdica, faz pior, pretende comandá-las de fora, impor-lhes uma linha, um sujeito e um destino. Foi essa tentação que atravessou o socialismo real e reapareceu, sob outras formas, em suas versões do século XXI.

Acontece que, hoje, essa paixão pelo fora deixou de ser apenas uma melancolia de esquerda e voltou a funcionar como uma gramática ativa dos novos fascismos, como já aconteceu nas décadas de 1920 e 1930. A esquerda, no entanto, permaneceu onde estava, tratando a impotência como pureza e a transcendência como (falsa) radicalidade. A esquerda se alimenta do fora como horizonte revolucionário, mas, na prática, repete o apoio às experiências mais autoritárias (quando não é a China, é a Rússia ou a Venezuela), frequentemente

65 FORTES, Felipe, Cocco, Giuseppe. O retorno do fora na crise da globalização: linhas de fratura e lutas algorítmicas no Cérebroceno. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 75, p. 273-301, 2026. Disponível em: <https://revistas.uerj.br/index.php/lc/article/view/73627>. Acesso em: 3 jun. 2026; FORTES, Felipe. No tecnofascismo contemporâneo, o neoliberalismo é um ponto de partida, não de chegada. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 22 jul. 2025. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/654823-notecnofascismo-contemporaneo-o-neoliberalismo-e-um-ponto-de-partida-nao-de-chegadaentrevista-especial-com-felipe-fortes>. Acesso em: 3 jun. 2026.

reembaladas sob a retórica indistinta do “Sul Global”. A extrema-direita, por sua vez, imagina o fora como a promessa de uma restauração conservadora, um retorno à nação, à ordem, à soberania, à família, ao povo autêntico.

Atualmente, há dois lugares em que esses dois foras se encontram. O primeiro é a essencialização do Ocidente, que reduz uma composição histórica múltipla, atravessada por guerras, colonialismo e conflitos, mas também por democracia, ciência, direitos, revoltas e instituições abertas, a um bloco homogêneo e exterior às lutas que o atravessam. É preciso, ao contrário, sempre afirmar que há múltiplos ocidentais exatamente pela dinâmica das lutas democráticas, dos conflitos institucionais, movimentos sociais, cooperação científica, direitos e reinvenções metropolitanas que o atravessam e o constituem⁶⁶. A convergência de direita e esquerda aqui aparece formal e explicitamente no manifesto publicado por *Counterpunch* contra a guerra do Irã⁶⁷. O texto reúne mais de 170 signatários de

66 COCCO, Giuseppe; FORTES, Felipe. “Império” de Negri e Hardt 25 anos depois: a atualidade de um pensamento radical contra o imperialismo. Entrevista concedida ao Instituto Humanitas Unisinos – IHU. *Instituto Humanitas Unisinos – IHU*, 30 set. 2025. Disponível em:

<https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/159-noticias/entrevistas/657814-imperio-de-negri-e-hardt-25-anos-depois-a-atualidade-de-um-pensamento-radical-contr-o-imperialismo-entrevista-especial-com-giuseppe-cocco-e-felipe-fortes>. Acesso em: 3 jun. 2026. Cf. também GOODY, Jack. *The East in the West*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

67 COUNTERPUNCH NEWS SERVICE. Six non-negotiable terms from international scholars and former officials from 30 countries to end the U.S. war on Iran amid Trump’s threat of war crimes. *CounterPunch*, 10 abr. 2026. Disponível em: <https://www.counterpunch.org/2026/04/10/six-non-negotiable-terms-from-international-scholars-and-former-officials-from-30-countries-to-end-the-u-s-war-on-iran-amid-trumps-threat-of-war-crimes/>. Acesso em: 2 jul. 2026.

trinta países, incluindo nomes associados à esquerda, ao anti-imperialismo, à nova extrema-direita europeia e a circuitos conspiracionistas. O segundo lugar é a crítica contemporânea da IA e, mais em geral, da técnica. Também aí setores da esquerda e da direita reacionária podem se encontrar em uma mesma topologia do fora. Dos dois lados, recusa-se a IA em nome da humanidade ameaçada pela tecnologia. E o problema aqui não está em criticar a guerra, as Big Techs, os vieses, a concentração de poder ou os regimes proprietários da infraestrutura algorítmica, mas em fazê-lo a partir de uma posição moral e puramente ideológica, como se a política pudesse se retirar dos circuitos tecnológicos, cognitivos e metropolitanos. Nesse contexto, tanto a presença de Steve Bannon entre os signatários da *Statement on Superintelligence*, iniciativa organizada pelo *Future of Life Institute* em defesa da proibição do desenvolvimento da superinteligência artificial, quanto a sugestão recente da Anthropic de uma pausa no desenvolvimento dos modelos mais avançados tornam-se sintomas dessa grande confusão⁶⁸. A esquerda e a extrema-direita não precisam dizer exatamente a mesma coisa, nem pelas mesmas razões, para compartilhar essa disposição comum pelo “fora” e imaginar que a

68 FUTURE OF LIFE INSTITUTE. Statement on Superintelligence. 2026. Disponível em: <https://superintelligence-statement.org/>. Acesso em: 3 jun. 2026. HARDIN, Chase. Prominent Scientists, Faith Leaders, Policymakers and Artists Call for a Prohibition on Superintelligence, as Poll Shows Americans Don't Want It. *Future of Life Institute*, 27 mar. 2026. Disponível em: <https://futureoflife.org/press-release/prominent-scientists-faith-leaders-policymakers-and-artists-call-for-a-prohibition-on-superintelligence/>. Acesso em: 3 jun. 2026. G1. Dona do Claude sugere pausa no desenvolvimento da IA por risco de sistemas saírem do controle humano. *G1 Tecnologia*, 5 jun. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2026/06/05/dona-do-claude-sugere-pausa-no-desenvolvimento-da-ia-por-risco-de-sistemas-sairem-do-controle-humano.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2026.

saída dos impasses contemporâneos passa pela recusa da tecnologia e da inteligência artificial, mas o efeito é um estranho anacronismo e um reforço bipartidário do autoritarismo.

Abrimos um livro crítico da IA e já não sabemos se estamos lendo uma análise dos processos materiais em andamento ou uma velha crítica ao colonialismo, à máquina, ao capital, à alienação e até ao patriarcado, apenas com os nomes trocados e as críticas sobrepostas. A IA passa a ocupar o lugar de uma figura total do mal, feita à imagem e semelhança de um Ocidente e de um capital essencializados. A essencialização não é o único problema dessa deriva maníaco-depressiva. Em Franco Berardi, por exemplo, embora pudéssemos multiplicar esse caso, há uma autoprojeção do esgotamento e do cansaço que se converte na fantasia de um Ocidente esgotado, senescente e terminal. Mas não há nenhum “esgotamento” do Ocidente, senão aquele de quem o pronuncia. Há crises, guerras, desigualdades, autoritarismos e disputas violentas, mas há também o trabalho das linhas da ciência, da democracia, das instituições abertas, das lutas sociais, dos conflitos metropolitanos, da inovação tecnológica e das reinvenções políticas. O retorno da guerra de grande intensidade assim como das derivas autoritárias mostra o quanto o segundo pós-guerra conseguiu em termos de diminuição da violência, qualidade de vida e direitos humanos.

O Ocidente não é um corpo moribundo à espera de substituição por uma exterioridade redentora chamada Sul Global. É uma composição múltipla e conflitual, atravessada por linhas de dominação e de libertação. Transformá-lo em bloco decadente é trocar a análise materialista por uma overdose de pílulas metafísicas

e por uma ode ao colapso. O mais grave ainda é que já não se consegue apreender nem sequer o que está acontecendo: o capitalismo não é mais “um”, o Ocidente tampouco é “um” e a condição material de que a inteligência também está se tornando múltipla. Essa passagem do “um” ao múltiplo, ao mesmo tempo, se apresenta como uma contradição violenta. O retorno da guerra de alta intensidade no coração da Europa sob a batuta russo-chinesa e a implosão da aliança atlântica sob a batuta de Trump 2.0 não significa que a “globalização acabou”. Pelo contrário, ela é irreversível, estendendo-se das cadeias logísticas e das redes digitais às orbitas dos satélites, à Lua e à Marte. Porque é irreversível, porém, ela se torna o teatro de um enfrentamento generalizado que não se resume à luta entre “proletariado e capital” e ainda menos a um impossível retorno da soberania, mesmo quando essa soberania se fantasia de hemisférica.

A BATALHA NO STACK

A fantasia de sair da globalização reaparece agora como a fantasia de sair da IA, como se o ludismo pudesse oferecer um programa político à altura das infraestruturas algorítmicas do presente⁶⁹. Democracia, linguagem, guerra, ciência e cooperação já são atravessadas por essas mesmas infraestruturas e conflitos. Precisamos deslocar a crítica do fora para o interior dos diagramas em que essas forças se organizam e podem ser disputadas. Trata-se de lutar por dentro e contra os diagramas de poder que vêm organizando a inteligência artificial, antecipando, desviando e aceleran-

69 Cf. RAMIREZ, Mauro Jarquín. *Pedagogía ludita. Contra la megamáquina educativa del capitalismo global*, Clacso, Buenos Aires, 2026.

do as tendências democráticas que já atravessam suas infraestruturas. Se a IA se tornou uma infraestrutura cognitiva, como sustentamos neste texto, então é preciso perguntar pela materialidade dessa infraestrutura. A inteligência artificial não existe no ar rarefeito do *software*. A nuvem é uma noosfera⁷⁰, se entendermos por noosfera a esfera planetária em que saberes, informações, signos, modelos, narrativas e processos de pensamento são produzidos, circulam, acumulam-se e entram em disputa, mas essa noosfera não flutua no vazio⁷¹. Ela repousa sobre cadeias materiais, energéticas, industriais, urbanas e geopolíticas que sustentam a computação em escala planetária. É nesse sentido que a noção de *Stack*, proposta por Benjamin Bratton, torna-se útil⁷². Ela permite compreender a computação planetária como uma arquitetura em camadas na qual

70 A noção de noosfera foi elaborada nos anos 1920 por Teilhard de Chardin, Vladimir Vernadsky e Édouard Le Roy para designar a emergência de uma esfera planetária do pensamento, da cultura e do conhecimento. Em nossa leitura, porém, ela não designa uma consciência espiritual do planeta, mas um campo material de produção, circulação e disputa de saberes e informações, atravessado por infraestruturas digitais, algoritmos, redes, plataformas e conflitos geopolíticos. Cf. COCCO, Giuseppe; FORTES, Felipe. Aceleração algorítmica, crise da soberania e noopolítica: a batalha pelo controle das redes. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, Rio de Janeiro, n. 72, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200>. Acesso em: 4 jun. 2026.

71 COCCO, Giuseppe; FORTES, Felipe. Aceleração algorítmica, crise da soberania e noopolítica: a batalha pelo controle das redes. *Lugar Comum: Estudos de Mídia, Cultura e Democracia*, Rio de Janeiro, n. 72, 30 abr. 2025. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/lc/article/view/68200>. Acesso em: 4 jun. 2026.

72 BRATTON, Benjamin H. *The Stack: On Software and Sovereignty*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2016. DOI: 10.7551/mitpress/9780262029575.001.0001. Disponível em: <https://mitpress.mit.edu/9780262029575/the-stack/>. Acesso em: 1 jun. 2026.

terra, *cloud*, cidade, endereçamento, interface e usuário se articulam, recolocando os regimes de soberania como um problema.

A IA deve ser situada nesse diagrama, não como simples conjunto de modelos ou aplicações, mas como um empilhamento transversal de uma infraestrutura: uma máquina planetária de computação (cálculo) ao mesmo tempo mineral, energética, logística, urbana e cognitiva. Um vídeo produzido por um corpo em uma rua de Minneapolis não permanece nem desaparece apenas na cena local. Ele se desprende do acontecimento imediato e passa pelo sensor de uma câmera, pela interface de um *smartphone*, redes urbanas, plataformas, cabos, *data centers* e sistemas de recomendação, até reorganizar a percepção política em escala global. É nesse percurso que a metrópole algorítmica encontra o *Stack*⁷³. O que aparece como fluxo imaterial de indignação, linguagem e imagem depende de uma infraestrutura material pesada, feita de energia, *chips*, nuvem, protocolos e plataformas. Nesse plano, a crítica às Big Techs precisa deixar de tratá-las apenas como empresas inovadoras ou monopólios predatórios e passar a analisá-las como operadores concretos de camadas decisivas do *Stack*. Aqui, o ponto forte é que a política não é representada pelo sistema maquínico, mas ela é fisicamente esse sistema. O problema de Bratton, desse modo, não está em seu realismo tecnológico, que é justamente sua força, mas no fato de que sua imanência tende a permanecer arquitetônica. Ele descreve muito bem a megaestrutura, mas tem dificuldade de localizar nela o antagonismo, a apropriação, os usos desviantes e, portanto, as lutas sem as quais a democracia não con-

73 SZANIECKI, Barbara; COCCO, Giuseppe. *O making da metrópole: rios, ritmos e algoritmos*. Rio de Janeiro: Rio Books, 2021.

segue ser real. O *Stack* aparece como a infraestrutura material de qualquer soberania possível, mas menos como o campo de composição e recomposição política das lutas.

Nesse sentido, a abordagem pela geopolítica constitui uma ferramenta importante. Ao reconstruir a geopolítica da tecnologia a partir do confronto entre Estados Unidos e China, o cientista político italiano Alessandro Aresu mostra que a IA se desenvolve no interior da disputa pela infraestrutura material e estratégica da própria capacidade de computação. Semicondutores, Taiwan, litografia avançada, energia e *data centers* passam a constituir o próprio terreno da disputa⁷⁴. A partir do vocabulário que estamos mobilizando aqui, podemos dizer que essa geopolítica é também uma batalha pelo *Stack*, isto é, uma guerra econômica, tecnológica e política pelas camadas materiais que tornam a inteligência artificial possível. O desafio da crítica, como dissemos, é que esses conflitos não cabem numa simplificação maniqueísta. Do mesmo modo que as migrações, que são a fonte da inovação e do trabalho nos serviços hoje e particularmente na IA, constituem um terreno de contradição social e política, largamente explorado pela guerra cognitiva (e militar mesmo) conduzida por China e Rússia.

Há, portanto, uma batalha “pelo” *Stack*, mas também uma batalha “no” *Stack*. Enquanto a primeira aparece no confronto entre Estados Unidos e China, a segunda é o campo efetivo das lutas algorítmicas. Minneapolis é um exemplo decisivo dessa luta no *Sta-*

74 ARESU, Alessandro. Geopolitica dell'intelligenza artificiale. Milano: Feltrinelli, 2024. Disponível em: <https://www.feltrinellieditore.it/opera/geopolitica-dellintelligenza-artificiale/>. Acesso em: 4 jun. 2026.

ck. Em 2020, o assassinato de George Floyd reativou globalmente o *Black Lives Matter*. *Smartphones*, vídeos, redes sociais e circulação algorítmica das imagens não foram meios externos às lutas, mas parte de sua própria composição. A câmera tornou-se “a arma dos desarmados”, e a vigilância vertical foi atravessada por formas de *sousveillance*, uma contravigilância, isto é, uma vigilância “a partir de baixo” contra os poderes constituídos⁷⁵. Em 2026, as manifestações contra o ICE, nos Estados Unidos, também irradiadas a partir de Minneapolis, atualizaram essa mesma dinâmica em outro terreno, o da violência contra os migrantes, das deportações, dos centros de detenção, dos deslocamentos urbanos e da disputa pela visibilidade pública da coerção estatal. Em ambos os casos, a luta não se colocou fora das infraestruturas tecnológicas, mas circulou por imagens, plataformas, transmissões, convocações, mapas, arquivos, *hashtags* e redes de apoio. Há, portanto, com as lutas algorítmicas, uma democracia “em” *streaming* e um *streaming* “da” democracia, da mesma forma que há também um conflito que atravessa as próprias dinâmicas empresariais por dentro do *Stack*.

Portanto, a hibridização que a IA generativa torna visível não ocorre, como vimos, apenas no nível da cooperação social. Ela atravessa também a própria dinâmica da acumulação. De um lado, há hibridização entre humanos, máquinas, modelos, interfaces, dados, linguagens e saberes (os tácitos e os compartilhados). De outro, há hibridização no interior da acumulação, na medida em que capital, ciência, trabalho vivo, infraestrutura computacional, instituições e cooperação

75 CORRÊA, Murilo Duarte Costa; COCCO, Giuseppe. Capitalismo de vigilância e lutas algorítmicas. *MATRIZES*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 105-125, jan./abr. 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p105-125.

social passam a compor agenciamentos produtivos cada vez mais interdependentes. É por isso que essa mutação diz respeito, ao mesmo tempo, ao capitalismo e ao humano. Ela participa da recomposição da acumulação, mas também da evolução das formas de inteligência, cooperação e subjetividade. A IA não aparece, então, como simples ferramenta técnica nem como a exteriorização empobrecida do humano, mas como um novo limiar evolutivo nos processos de exteriorização e hibridização da inteligência social. É nesse ponto que a questão da evolução precisa ser reaberta, não como uma narrativa e leitura linear de progresso, mas como um campo de bifurcações, acoplamentos, seleções, desvios e lutas em torno das formas de vida, inteligência e cooperação que podem emergir dessa nova condição.

Portanto, a oposição simples entre uma inteligência social autônoma e um capital exterior que viria capturá-la já não dá conta desse processo evolutivo em aberto. É precisamente esse ponto que exige retomar e deslocar o pós-operaísmo. Sua força foi ter mostrado que a cooperação social não era um efeito passivo do capital, mas uma potência anterior, produzida pelas lutas, pelas redes, pela metrópole, pelo trabalho imaterial, enfim pelo *General Intellect*. Mas, ao pensar o capitalismo cognitivo, o pós-operaísmo preservou a ideia de uma oposição simplista demais entre uma cooperação social autônoma e um capital exterior que viria capturá-la depois, como se fosse uma renovação da acumulação primitiva. Essa imagem já não dá conta do processo evolutivo em aberto que estamos vivendo. O conflito não desaparece, mas se desloca para dentro dos próprios agenciamentos nos quais a inteligência é produzida, operacionalizada e transformada.

Ao pensar a passagem do fordismo ao pós-fordismo, o pós-operaísmo percebeu corretamente a difusão da produção pela sociedade, a emergência do trabalho imaterial, a centralidade das redes e a metrópole como espaço produtivo⁷⁶. Mas subestimou duas transformações decisivas. A primeira é que a descentralização da fábrica fordista também se converteu em deslocalização industrial e encontrou na China sua forma mais poderosa. A segunda é que a cooperação social não permaneceu apenas como potência autônoma do comum, mas passou a ser reconfigurada por plataformas, modelos, interfaces e diagramas algorítmicos. O capital fixo, que parecia desaparecer para deixar espaço aos “imateriais”, passou a tornar-se móvel, variável⁷⁷. Os teóricos do capitalismo cognitivo não conseguiram, portanto, antecipar plenamente a aceleração algorítmica e a explosão da inteligência artificial. Ao mesmo tempo, a fábrica não desapareceu diante da metrópole. Ela foi deslocada, conectada e rearticulada em novos diagramas globais de produção, logística, dados e inteligência.

É essa hibridização que recoloca o problema do comando. Se a acumulação e a cooperação se misturaram, o comando já não pode ser pensado apenas como disciplina, controle ou modulação. A questão deixa de ser apenas como governar corpos, regular acessos ou modular fluxos já constituídos; ela passa a ser como

76 COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania: produção de direitos na crise do capitalismo global*. 3. ed. ampl. São Paulo: Cortez, 2012.

77 HASKEL, Jonathan; WESTLAKE, Stian. *Capitalism without capital: the rise of the intangible economy*. Princeton: Princeton University Press, 2018.

configurar os campos de possibilidade nos quais a inteligência social se organiza, se acopla às máquinas, produz valor e abre novas linhas de evolução.

HORIZONTES PARA UMA DEMOCRACIA AUMENTADA

Se a tecnologia não é exterior à política, tampouco é exterior à humanidade. De Leroi-Gourhan a Lewis Mumford, passando mais recentemente por Jean-Jacques Hublin, uma longa tradição antiessencialista mostrou que gesto, ferramenta, memória, cidade, máquina e cérebro devem ser pensados em linhas históricas técnicas e sociais, nas quais a humanidade exterioriza suas capacidades e, ao exteriorizá-las, transforma a si mesma e, com isso, evolui⁷⁸. Por que seria diferente com os algoritmos e com a inteligência artificial? Quando se afirma que a IA ameaça a “singularidade humana” e a “capacidade de inventar novos mundos”, o problema está em tratar o humano como se fosse uma substância separável de suas mediações e exteriorizações tecnológicas.

A hibridização com a IA não elimina essa condição. A questão, portanto, não é apenas disputar qual humanidade pode nascer das novas hibridizações que já estão acontecendo, mas que democracia será capaz de orientar, distribuir e disputar essas hibridizações (agenciamentos). Até Negri, que no fim da vida via nos

78 LEROI-GOURHAN, André. *Le geste et la parole*. Paris: Albin Michel, 1964-1965. 2 v. MUMFORD, Lewis. *Technics and Civilization*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1934. MUMFORD, Lewis. *The Myth of the Machine: Technics and Human Development*. New York: Harcourt, Brace & World, 1967. HUBLIN, Jean-Jacques. *La tyrannie du cerveau: un nouveau récit de l'évolution humaine*. Paris: Robert Laffont, 2024.

algoritmos operadores da automação, da logística e do comando capitalista sobre o *General Intellect*, não os reduzia a uma essência do capital⁷⁹. Em sua perspectiva, a matemática, os modelos abstratos, os Big Data e os algoritmos permanecem campos políticos, passíveis de reapropriação “por dentro e contra” o desenvolvimento capitalista. Com a aceleração algorítmica e a “aceleração da aceleração” da Inteligência Artificial, já não se trata apenas de se reapropriar instrumentos algorítmicos capturados pelo capital, nem de opor às Big Techs a fantasia de pequenas IAs locais, puras ou exteriores. Ultrapassar o pós-operaísmo não significa abandonar sua tese da prioridade das lutas, mas levá-la às últimas consequências, a um terreno novo, no qual o conflito atravessa os próprios agenciamentos em que inteligência social, máquinas, trabalho vivo, ciência e capital passam a operar juntos. A clivagem que fica é a da democracia. Além disso, o horizonte de Negri, ainda era o do capital fixo, do trabalho cognitivo e da sociedade informatizada aos quais opunha um comum que, apesar de ele afirmar que era primeiro, é incapaz de apreender a nova dimensão do capital fixo e variável emergente. A inteligência artificial generativa exige um passo além, sem abandonar o problema político que ele formulou.

79 NEGRI, Antonio. Reflexões sobre “Manifesto for an Accelerationist Politics”. *Lugar Comum*, n. 42, 2014. MACKAY, Robin; AVANEISSIAN, Armen (org.). *#Accelerate: The Accelerationist Reader*. Falmouth: Urbanomic, 2014. p. 360-373.

DESARMAR A IA: ENTRE A RESISTÊNCIA UCRANIANA E A ENCÍCLICA PAPAL?

É nesse sentido que a encíclica *Magnifica humanitas* se torna mais interessante do que muitas críticas ideológicas da IA⁸⁰. São os tempos que vivemos. Para escapar do humanismo pobre, talvez seja preciso atravessar o Rubicão que leva de Negri ao Papa, do comum como metafísica ao comum como forma empresarial. Ao contrário de uma recusa abstrata da tecnologia, o Papa Leão XIV reconhece seu pertencimento à história da criatividade humana e do modo como a humanidade transforma o mundo e a si mesma. A questão, portanto, para a encíclica, é perguntar sob quais fins, instituições e formas de responsabilidade essa potência deve ser orientada. A própria circulação da encíclica confirma essa recusa da exterioridade. Sua apresentação pública contou com a participação de Christopher Olah, cofundador da Anthropic e pesquisador de interpretabilidade da IA. E mesmo que a encíclica fale a partir de uma tradição teológica, ela reconhece que o discernimento sobre a IA precisa atravessar o campo tecnológico, seus atores, seus laboratórios, seus conflitos internos e suas zonas de opacidade. Olah, por sua vez, reconheceu que os laboratórios de IA não podem governar sozinhos os efeitos daquilo que produzem e precisam ser atravessados por críticas competentes, pressões institucionais e formas públicas de responsabilização capazes de deslocar seus parâmetros internos de decisão⁸¹.

80 LEÃO XIV. Carta Encíclica *Magnifica humanitas* sobre a salvaguarda da pessoa humana na era da inteligência artificial. *Vaticano*, 15 maio 2026. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/encyclicals/documents/20260515-magnifica-humanitas.html>. Acesso em: 5 jun. 2026.

81 GIRIBALDI, Edoardo. Especialistas em IA: uma “voz moral”

Estamos, aqui, portanto, na construção de um horizonte de mais democracia, mas também por dentro de uma disputa que atravessa a própria forma-empresa contemporânea. As Big Techs, por mais que a crítica de esquerda diga o contrário, não formam um bloco homogêneo. Em seu interior coexistem tendências autoritárias, como aquela expressa por Alexander Karp, que despreza a democracia, e propõe uma “república tecnológica”, ou seja, um governo neoplatônico dos engenheiros⁸², como um projeto que propõe reorientar a tecnologia norte-americana para o *hard power*, a defesa, a IA militar, fazendo da empresa tecnológica não apenas uma fornecedora do Estado, mas também uma espécie de operador estratégico da soberania⁸³. Mas há igualmente posições como a de Yann Le Cun, que, sem estar fora da forma-empresa, insiste na abertura da pesquisa, na pluralidade das arquiteturas, na crítica ao alarmismo sobre a superinteligência e na necessidade de evitar que a IA seja concentrada nas mãos de poucos laboratórios, Estados ou plataformas⁸⁴. A clivagem não separa simplesmente empresas más e críticas externas boas. Yann Le Cun monta sua própria empresa⁸⁵ assim

que nenhum incentivo irá submeter. *Vatican News*, Cidade do Vaticano, 25 maio 2026. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2026-05/papa-leao-xiv-enciclica-magnifica-humanitas-olah-anthropic.html>. Acesso em: 5 jun. 2026.

82 Um pouco nos termos dos quais fala Giacomo Corneo, “Plato’s Design”, *Is Capitalism Obsolete?* Tradução inglesa do alemão de Daniel Steuer, Harvard, 2014, p. 15.

83 KARP, Alexander C.; ZAMISKA, Nicholas W. *The Technological Republic: Hard Power, Soft Belief, and the Future of the West*. New York: Crown Currency, 2025.

84 LECUN, Yann. A path towards autonomous machine intelligence. *OpenReview*, 2022. Disponível em: <https://openreview.net/forum?id=BZ5a1r-kVsf>. Acesso em: 15 jul. 2026.

85 A AMI Labs, ou Advanced Machine Intelligence, fundada por Yann LeCun após sua saída da Meta, é relevante precisamente porque mostra que a disputa sobre a IA atravessa o próprio interior

como fizeram Amodei e outros quando montaram a Anthropic depois que entraram em dissidência com a gestão da OpenAI pelo Sam Altman. A clivagem atravessa laboratórios, trabalhadores, modelos, infraestruturas, regimes de abertura e projetos políticos concorrentes. Portanto, é preciso reconhecer que o conflito democrático também passa por dentro da forma-empresa, por seus laboratórios, seus trabalhadores, suas infraestruturas, seus modelos de governança e suas alianças políticas. A mesma coisa vale para a aproximação com o debate produzido em torno da revista *Noema* e do Berggruen Institute. Nathan Gardels registra que participaram, meses antes, de uma deliberação na Pontifícia Academia de Ciências Sociais sobre inteligência artificial e justiça social, e que alguns dos temas ali discutidos reaparecem na *Magnifica humanitas*⁸⁶. Deste modo, a encíclica já participa de uma tentativa de intervir pragmaticamente nos diagramas da IA a partir de alianças, pressões e mediações concretas.

do campo tecnológico e empresarial. A aposta da AMI Labs está nos chamados “modelos de mundo” e em arquiteturas como a JEPA, treinadas com vídeo, áudio e dados de sensores, capazes de aprender representações abstratas do real e prever consequências de ações. Ao mesmo tempo, LeCun apresenta a empresa, sediada em Paris, como uma tentativa de construir uma alternativa de IA de fronteira fora do binário Estados Unidos-China, com ênfase em abertura, soberania tecnológica e diversidade de sistemas. Cf. CHEN, Caiwei. O novo empreendimento de Yann LeCun é uma aposta contrária aos grandes modelos de linguagem. *MIT Technology Review Brasil*, 11 fev. 2026. Disponível em: <https://mittechreview.com.br/yann-lecun-ami-labs-modelos-de-mundo/>. Acesso em: 27 jul. 2026.

86 GARDELS, Nathan. Pope Leo: AI Wealth Must Be Universally Shared. *Noema Magazine*, 27 maio 2026. Disponível em: <https://www.noemamag.com/pope-leo-xiv-ai-wealth-must-be-universally-shared/>. Acesso em: 5 jun. 2026.

Se a IA já organiza percepção, decisão, coordenação e infraestrutura, então seu programa se decide também nos terrenos em que essas capacidades são levadas ao limite. A guerra é o mais brutal deles. Disputar a IA por dentro significa, pois, enfrentar também a sua ambivalência militar. É nesse horizonte que ganha sentido a proposta do Vaticano de “desarmar a IA”. Desarmar, nesse sentido, significa impedir que a IA seja organizada prioritariamente pela cultura do poder, pela normalização da guerra e pela automatização da decisão letal. Estamos de acordo. Ao mesmo tempo, qualquer projeto de “desarmamento da IA” precisa evitar duas tentações. A primeira é transformar a crítica da militarização em uma recusa abstrata da tecnologia. A encíclica evita esse erro. A segunda é esquecer que, em certas conjunturas, tecnologias algorítmicas podem se tornar condições materiais de defesa, sobrevivência e resistência democrática. Aqui, a encíclica parece hesitar, e é justamente a resistência ucraniana que torna essa ambivalência incontornável.

Desde o início da invasão russa em fevereiro de 2022, o campo de batalha ucraniano passou por transformações gigantescas, tornando-se laboratório de uma mutação mais ampla no qual drones baratos, sensores, satélites comerciais, inteligência artificial, produção civil-militar distribuída e ciclos acelerados de inovação definem o futuro da guerra. É nesse sentido que analistas militares já falam da Ucrânia como um ponto de inflexão da guerra contemporânea⁸⁷. Mas a Ucrânia não é simplesmente uma zona cinzenta em

87 DEMAREST, Colin. Russia-Ukraine war has forever changed combat, says U.K. armed forces minister. *Axios*, 15 out. 2025. Disponível em: <https://www.axios.com/2025/10/15/uk-military-alistair-carns-ukraine-lessons>. Acesso em: 4 jun. 2026.

que se descortina a automação da decisão letal. É antes o *battlefield* algorítmico que transforma todos os *battlefields*, porque condensa, em uma guerra aberta de alta intensidade, aquilo que, em outros contextos, aparecia disperso como uma guerra híbrida⁸⁸. Mas a Ucrânia importa, sobretudo, porque ali a luta pela democracia não acontece fora da guerra, muito menos fora da tecnologia.

Há duas leituras possíveis dessa transformação. A primeira enfatiza a realidade de um campo de batalha cada vez mais transparente e automatizado, no qual “ser visto é ser morto”⁸⁹. A segunda, sem negar essa brutalidade, parte do ponto de vista pragmático da resistência. Para uma democracia atacada por uma potência militar e nuclear superior, esses dispositivos são condições materiais de sobrevivência, coordenação e defesa. A resistência ucraniana, portanto, é uma prática material de organização, coordenação, invenção e conflito, capaz de atravessar o campo de batalha sem

88 BENDETT, Samuel; KIRICHENKO, David. Battlefield Drones and the Accelerating Autonomous Arms Race in Ukraine. *Center for a New American Security*, 10 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnas.org/publications/commentary/battlefield-drones-and-the-accelerating-autonomous-arms-race-in-ukraine>. Acesso em: 4 jun. 2026. MOLLOY, Oleksandra. Drones in Modern Warfare: Lessons Learnt from the War in Ukraine. *Australian Army Research Centre*, 2024. Disponível em: <https://researchcentre.army.gov.au/library/occasional-papers/drones-modern-warfare>. Acesso em: 4 jun. 2026. GATOPOULOS, Derek; ARHIROVA, Hanna. The AP Interview: Ukraine bets on battlefield AI as the race for weapons autonomy intensifies. *Associated Press*, 30 abr. 2026. Disponível em: <https://apnews.com/article/russia-ukraine-war-artificial-intelligence-europe-a7d2cce367f68caa3598f4e0bd8b50c9>. Acesso em: 4 jun. 2026.

89 VANDIVER, John. ‘If you can be seen, you can be killed’: Drone warfare forces broad rethink of training, Army leaders say. *Stars and Stripes*, 18 jul. 2025. Disponível em: <https://www.stripes.com/theaters/europe/2025-07-18/army-europe-battlefield-ukraine-18479786.html>. Acesso em: 4 jun. 2026.

se reduzir a ele. É justamente por isso que a defesa da democracia exige também disputar as infraestruturas tecnológicas pelas quais a guerra, a informação, a logística, a percepção e a cooperação são, hoje, organizadas.

A Ucrânia, deste modo, impede que a fórmula do desarmamento se converta na defesa de um pacifismo abstrato. A questão é distinguir entre a militarização da IA como um programa de comando, destruição e desresponsabilização, e o uso pragmático de tecnologias como a condição material de sobrevivência, defesa, coordenação coletiva e construção da cidadania. Por isso, qualquer projeto de “desarmar a IA” não pode significar desarmar as próprias resistências democráticas. Desarmar a IA deve significar disputar os diagramas que orientam sua programação, seus limites e seus usos. Faz parte do nosso enigma que a IA já participe da guerra. O problema é saber se essa entrada será governada pela corrida armamentista, pela automatização opaca da morte e pela cultura do poder, ou por formas de controle democrático, responsabilidade, proteção dos civis, defesa legítima e construção material de paz. E é a democracia, sua defesa e sua expansão, que pode fortalecer a IA como um terreno de biopolíticas da inteligência orientadas à vida, à cidadania e à cooperação.

A encíclica formula um horizonte normativo ao propor o desarmamento da IA. A Ucrânia, porém, obriga a testar esse horizonte na materialidade das lutas, onde a tecnologia não aparece como escolha abstrata, mas como condição de defesa, sobrevivência e coordenação democrática. Nenhuma tendência técnica existe separada das forças que a produzem, dos conflitos que a atravessam e dos usos desviantes capazes de

reorientá-la. Outras direções poderão ser inventadas, e as tendências hoje dominantes podem ser desviadas, aceleradas ou conduzidas a resultados inesperados. Mas dificilmente um horizonte emancipatório de futuro passará por uma recusa abstrata e moral da IA. Se a inteligência artificial já atravessa a vida social em suas dimensões sensíveis, cognitivas, produtivas e conflitivas, então precisamos perguntar que humanidade e que democracia podem emergir dessa nova condição. Nesse quadro, por que não postular uma humanidade e uma democracia aumentadas? A democracia aumentada é o crivo material de qualquer possibilidade de humanidade aumentada. Sem ela, o aumento das capacidades humanas pode se converter em comando sobre a inteligência social. Com ela, torna-se campo de disputa coletiva sobre participação, invenção, conflito, decisão e cooperação.

Sobre os autores



Felipe Fortes. Bacharel, mestre e doutor em Filosofia pelo PPG de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). É bolsista de pós-doutorado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo PPG de Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É pesquisador vinculado ao grupo Laboratório Território e Comunicação (LABTeC), da UFJR e pesquisador da Rede Uninômade. É editor da revista *Lugar Comum: Estudos de Mídia Cultura e Democracia*. Com Giuseppe Cocco, ministra a cátedra Aceleração Algorítmica, Trabalho e Democracia no Colégio Brasileiro de Altos Estudos (CBAE) da UFRJ. Atualmente, pesquisa as relações entre a crise da democracia e da globalização.



Giuseppe Cocco. Graduado em Ciência Política pela Université de Paris VIII e doutor em História Social pela Université de Paris I (Panthéon-Sorbonne). Leciona na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é editor das revistas *Lugar Comum* e *Multitudes*. Entre outros livros, publicou: *New Neoliberalism and the Other: Biopower, Antropophagy and Living Money* (Lexington Books, 2018), em parceria com Bruno Cava, *Entre cinismo e fascismo* (Autografia, 2019), *Dopo la marea* (Derive e Approdi, 2021) e, em parceria com Bárbara Szaniecki, *O making da metrópole: rios, ritmos e algoritmos* (Rio BOOKS, 2021).



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra Bavaresco
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Ailton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élica Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoececer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODE – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhési
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmänn
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A *philia* como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Niklas Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leistner
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perroux Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzados – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D'Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odelso Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevan
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirceu Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleracionismo como terceiro espírito do capitalismo – Moysés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Vigada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinicius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moysés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N. 314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati

- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstrosidade - Adriano Messias
- N. 336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Averso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio
- N. 340 Religião, Direito e o Redobramento de Ideias - Colby Dickinson
- N. 341 Usos do território e as cidades em transformação. Um olhar a partir da Geografia de Milton Santos - Marina Regitz Montenegro
- N. 342 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume III - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 343 Raça, etnia, negro, preto ou gênero humano? Conceitos, leitura de mundo e reflexo nas formas de pensar, ser e interagir - Iael de Souza
- N. 344 Daqui deste planeta: (t/T)erra deíctica e sazonalidade cosmopolítica - Hilan Bensusan
- N. 345 Mundo Invisível: a teia vital sob os nossos pés - Faustino Teixeira (org.)
- N. 346 O controle do lazer na sociedade de consumo: reflexões à luz da teoria crítica - Valquíria Padilha e Jean Henrique Costa
- N. 347 João Saldanha: um comunista na seleção brasileira de futebol durante o governo militar. Da ditadura à redemocratização. Futebol na sociedade como fator democrático (1966-1990) - Marcelo de Azevedo Zanotti
- N. 348 Depois da Inteligência Artificial - Cosimo Accoto, Massimo Di Felice e Eliane Schlemmer
- N. 349 Basta de fósseis - Dominic Boyer
- N. 350 Capitalismo e saúde mental: causa social, sofrimento privatizado - Iael de Souza, Evaldo Piolli e José Roberto Montes Heloani
- N. 351 A transição dos combustíveis fósseis, a crise energética na Europa e a guerra na Ucrânia - Simon Pirani
- N. 352 Guerra russa na Ucrânia. Terrorismo energético, ciberguerra e atmoterrorismo - Svitlana Matviyenko
- N. 353 Pequena história futura das enchentes do rio Cai - Caio F. Flores-Coelho
- N. 354 Por uma agricultura sustentável no Brasil - M. Madeleine Hutrya de Paula Lima
- N. 355 A máquina com um rosto humano: da inteligência artificial à sciência artificial - Sylvain Lavelle
- N. 356 Filmes em Perspectiva - Faustino Teixeira
- N. 357 Varsóvia e Gaza: dois guetos e o mesmo nazismo - Luiz Cláudio Cunha
- N. 358 Tecnofisiologia e ontologia híbrida: novas interações entre máquinas e corpo humano - Roberto Marchesini
- N. 359 Teoria dos Quatro Cosmogramas - Moysés Pinto Neto
- N. 360 Capitalismo e cismogênese - Sven Lütticken
- N. 361 Revolução informacional e a nova classe trabalhadora - Marcio Pochmann
- N. 362 O ancião missionário e os anciãos Bóe-Bororo: autobiografia indígena, identidade narrativa e apropriação religiosa recíproca - Elair Inácio de Oliveira e Aloir Pacini
- N. 363 A construção política da Economia de Francisco e Clara no Brasil - Eduardo Brasileiro
- N. 364 Um olhar retrospectivo - Hans Jonas
- N. 365 Constitucionalismo Intersistêmico e o Direito das Minorias: a proteção dos povos indígenas na sociedade global - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 366 Novos dilemas da IA: a inteligência quer se expandir e o organismo quer perdurar. Por que e como a IA generativa pensa e raciocina - Lucia Santaella



- N. 367 Paul Ricoeur e a historiografia: primeiros diálogos em *História e Verdade* (1955) - Bruno dos Santos Nascimento
- N. 368 Tutela climática dos povos indígenas no Rio Grande do Sul e a proteção dos territórios ancestrais: direito ao futuro e à dimensão ecológica da dignidade humana - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 369 Autonomia: os povos estão transitando por um novo caminho emancipatório - Raúl Zibechi
- N. 370 IA e a experiência da pobreza - Levi Checketts
- N. 371 O pluralismo jurídico e os sistemas jurídicos indígenas - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 372 Proposta de definição das juventudes: diversidades e protagonismos políticos - Olívia Cristina Perez
- N. 373 Neomercantilismo de crise e as guerras de desordenamento global - Daniel Feldmann
- N. 374 Putin, Trump, Netanyahu: o mundo à beira de uma guerra total? - Silvia Ferabolli
- N. 375 Peter Singer e os 50 anos do livro *Libertação Animal* - Daan Stoop
- N. 376 Uma reflexão ético-político-filosófica da alteridade negada no cárcere - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 377 Juventudes e experiências religiosas - Claudio de Oliveira Ribeiro e Rosemary Fernandes
- N. 378 Vida nos trilhos: corpos sobreviventes e a resistência que brota da periferia brasileira - Paulo Ricardo Barbosa de Lima
- N. 379 Os Estados Unidos de Trump, modelo da distopia contemporânea - Luiz Marques
- N. 380 Dinamismo, mobilidade e juventudes - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 381 Realidades virtuais, danos aumentados, impactos reais - Elisa García Mingo e Jacinto G. Lorca
- N. 382 Povos indígenas e emergência climática: visibilidade, participação e reivindicações nas conferências climáticas da ONU - Carlos Machado de Freitas, Kleber Henrique da Silva Xucuru, Luiz Felipe Barboza Lacerda, Sineia Bezerra do Vale e Suliete Gervásio Monteiro Baré
- N. 383 Considerações sobre o sionismo - Rodrigo Karmy Bolton
- N. 384 Tecnofeudalismo e colonialismo digital: um olhar a partir do Sul Global - Mardochee Ogécime
- N. 385 Fascismo tardocapitalista: retrotopia e aceleracionismo - Sandro Chignola
- N. 386 Austeridade, desigualdade e o enfraquecimento do Estado Democrático e Social de Direito - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 387 Etnocracia e limpeza étnica. No coração do pós-fascismo - Donatella di Cesare
- N. 388 O campo quântico e os horizontes do real - Rodrigo Petronio
- N. 389 Reflexões sobre uma controvérsia: a recepção de Nietzsche pelo fascismo - Alberto Giacomelli
- N. 390 O Bem Viver e a multinormatividade democrática como resistência ao direito autárquico do tecnofeudalismo - Gabriel dos Anjos Vilardi
- N. 391 Introdução à Teoria Gerativa - Rodrigo Petronio
- N. 392 Ricochete nihilista: Joy Division - Mark Fisher
- N. 393 Paradigma tecnocrático em cesuras e o espaço geográfico no reino da economia global - Guilherme Tenher Rodrigues
- N. 394 Trans:humanismo (H-) e Audiovisual - Rodrigo Petronio, Bianca Ayuri, Eduardo Ferraz, Guto Escobar, Luca Scupino Oliveira e Maria Junqueira Netto de Sá e Benevides
- N. 395 O Estado como agência reguladora do crime? - Jacqueline Muniz
- N. 396 É preciso sair da ilha para vê-la: uma jornada de desconstrução sionista - Bruno Hender
- N. 397 Simondon Cósmico - Gilbert Simondon e Thiago Novaes
- N. 398 Curto-circuito dos afetos: sintomas da razão cínica nas juventudes - Iael de Souza
- N. 399 Por uma política da filosofia - Sandro Chignola
- N. 400 400 anos de Missões fora do armário - Jean Tiago Baptista

 UNISINOS